



núcleo
GUARANY
cultural

Guilherme Borchartt



Relatório de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de
Curso de Arquitetura e Urbanismo – Etapa I, da
Universidade do Vale do Taquari.

Orientador: Prof. Arq. Me. Augusto Alves

Lajeado, junho de 2019.

Este trabalho é dedicado aos meus pais, que sempre me deram o incentivo e a oportunidade de estudar, não medindo esforços para que eu alcançasse meu objetivo.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a realização de uma pesquisa e posteriormente análise para embasamento da etapa seguinte do Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo, que consiste na elaboração de um projeto arquitetônico acerca do tema selecionado. A temática do trabalho é um núcleo cultural para a cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul. Núcleos culturais desse gênero, que agregam o conteúdo cultural e de entretenimento ao contexto de comércio e serviço são designados à pessoas voltadas a arte, pequenos e novos empreendedores e comerciantes locais, por meio de espaços para a prática de suas atividades de lazer, cultura e trabalho. Corroborando, a região e, principalmente o município carece de espaços desse porte e com essa infraestrutura.

Palavras-chave: Arquitetura. Cultura. Cinema. Comércio. Coworking.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ruínas do Templo de Serápis.....	17
Figura 2 - Ilustração do interior da Biblioteca	17
Figura 3 - Vista superior Teatro Epidauro	19
Figura 4 - Planta baixa Teatro Epidauro.....	19
Figura 5 - Ilustração do Teatro Epidauro.....	19
Figura 6 - Coliseu: vista externa.....	20
Figura 7 - Coliseu: vista interna.....	20
Figura 8 - Coliseu: ilustração.....	20
Figura 9 - Teatro de Ópera de Roma	21
Figura 10 – Cinema Louxor, Paris.....	22
Figura 11 – Cinema Louxor, Paris, 2017.....	22
Figura 12 – Segredo Paschoal.....	23
Figura 13 – Cine Gaúcho	23
Figura 14 – Cine Art Palácio, São Paulo	25
Figura 15 - Cine Art Palácio, São Paulo.....	25
Figura 16 – Indústria têxtil inglesa, meados século XVIII	26
Figura 17 – Escritório típico do início do século XX	27
Figura 18 – Edifício Johnson Wax Building	28
Figura 19 – Escritório padrão, anos 1990	29
Figura 20 – Escritório padrão, anos 1980	29
Figura 21 – Crescimento de espaços coworking no Brasil	30
Figura 22 – Coworking em Nova Iorque.....	30
Figura 23 – Fluxograma	35
Figura 24 – Tipologias dos auditórios.....	39
Figura 25 – Espaçamento entre fileiras.....	40
Figura 26 – Espaçamento entre poltronas	40
Figura 27 – Distância entre mesas.....	41
Figura 28 - Mapa Rio Grande do Sul.....	40
Figura 29 - Mapa Vale do Taquari.....	47

Figura 30 - Mapa de limites e acessos.....	48
Figura 31 - Mapa de usos e atividades	49
Figura 32 – Antiga Cervejaria Polar	50
Figura 33 – Biblioteca municipal.....	50
Figura 34 – Sede da AMVAT.....	50
Figura 35 – Sede dos Correios.....	50
Figura 36 – Igreja Matriz - Prefeitura.....	50
Figura 37 - Calçadão.....	50
Figura 38 – Secretaria da Sedesth.....	51
Figura 39 - Casa de Cultura Bertholdo Gausmann	51
Figura 40 – Panorama do bairro Centro	51
Figura 41 – Sede da IECLB.....	51
Figura 42 - Escadaria	51
Figura 43 - Escadaria	51
Figura 44 - Mapa de alturas	52
Figura 45 – Mapa de Fluxos.....	53
Figura 46 - Mapa cadastral.....	53
Figura 47 - Mapa de visuais	54
Figura 48 - Visual 01	55
Figura 49 - Visual 02	55
Figura 50 - Visual 03	55
Figura 51 - Visual 04	55
Figura 52 – Panorama geral da cidade	56
Figura 53 – Praça da Matriz	56
Figura 54 – Calçadão, ainda peatonal.....	56
Figura 55 – Igreja Matriz e Prefeitura	56
Figura 56 – Escadaria	56
Figura 57 – Rua Arnaldo José Diel.....	56
Figura 58 - Pré-existência 1	57
Figura 59 - Pré-existência 2	57
Figura 60 - Pré-existência 3	57

Figura 61 - Pré-existência 4	57
Figura 62 - Pré-existência 5	57
Figura 63 - Pré-existência 6	57
Figura 64 - Fachada Cine Guarany, 1959	58
Figura 65 - Seção de cinema, 1970	58
Figura 66 - Vista do palco	58
Figura 67 - Vista do mezanino.....	58
Figura 68 - Seção de cinema, 1970	58
Figura 69 - Planta baixa Térreo.....	59
Figura 70 - Planta baixa Superior.....	59
Figura 71 - Corte esquemático	60
Figura 72 - Fachada principal.....	60
Figura 73 - Perspectiva	60
Figura 74 - Macrozoneamento municipal	61
Figura 75 - Seção do mapa de Macrozoneamento municipal	62
Figura 76 - Cine Capitólio, década de 1950	65
Figura 77 - Cine Capitólio, 2014.....	65
Figura 78 - Cine Capitólio, 2017	66
Figura 79 - Cine Capitólio, 2015.....	66
Figura 80 - Cine Capitólio, 2017	66
Figura 81 - Cine Capitólio, 2017	67
Figura 82 - Cine Capitólio, 2017	67
Figura 83 - Cine Capitólio, 2017	67
Figura 84 - Cine Capitólio, 2017	67
Figura 85 - Cine Capitólio, 2017.....	67
Figura 86 - Cinema desativado, 2009	68
Figura 87 - Cinema da Praça, 2017	68
Figura 88 - Em reforma, 2016.	69
Figura 89 - Em reforma, 2016.	69
Figura 90 - Inauguração, 2018.	69
Figura 91 - Inauguração, 2018.	69
Figura 92 - Foyer, 2018.....	70

Figura 93 - União do antigo com o novo	70
Figura 94 – Sala de projeção	70
Figura 95 - Planta baixa pavimento térreo.	71
Figura 96 - Planta baixa pavimento superior.....	71
Figura 97 - Corte	71
Figura 98 - Sala de projeção	72
Figura 99 - Foyer.....	72
Figura 100 - Foyer.....	72
Figura 101 – Salão principal.....	73
Figura 102 – Painéis temáticos	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Áreas do setor cultural.....	34
Tabela 2 – Áreas do setor comercial	34
Tabela 3 – Áreas do setor de serviços	34
Tabela 4 – Área e volume por assento	39
Tabela 5 – Regime urbanístico	62

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AAMICA	Associação dos Amigos do Cinema Capitólio
AMVAT	Associação dos Municípios do Vale do Taquari
ANCINE	Agência Nacional do Cinema
CDO	Código de Obras
FUNDACINE	Fundação Cinema RS
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IECINE	Instituto Estadual de Cinema
NBR	Norma Brasileira
NGC	Núcleo Guarany Cultural
PDM	Plano Diretor Municipal
RS	Rio Grande do Sul
SEFAZ	Secretaria Estadual da Fazenda
SESI	Serviço Social da Indústria
VHS	Video Home System

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TEMA	14
2.1.	Apresentação do tema	15
2.2.	Histórico do tema.....	16
2.2.1.	Breve histórico e evolução dos equipamentos culturais	16
3	PROGRAMA	32
3.1.	Apresentação do programa.....	33
3.2.	Condicionantes legais e normativas	36
3.3.	Justificativa do programa.....	45
4	ÁREA DE INTERVENÇÃO	46
4.1.	Apresentação do terreno.....	47
4.1.1.	Pré-existências	57
4.1.2.	Condicionantes legais do terreno	61
4.2.	Justificativa do terreno.....	63
5	REFERENCIAIS	64
5.1.	Do tema	65
5.2.	De arquitetura.....	68
6	BIBLIOGRAFIA.....	75

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia integra a primeira etapa do Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Taquari. O mesmo tem por objetivo apresentar informações relativas ao tema proposto, Núcleo Guarany Cultural, dando embasamento e fundamentação teórica, arquitetônica e legal à segunda etapa do trabalho final de curso que se dará posteriormente com a elaboração de um projeto arquitetônico da temática escolhida.

O trabalho terá como enfoque o tema núcleo cultural, tendo seu desenvolvimento subdividido em etapas que serão apresentadas e detalhadas no decorrer do relatório. Será designado o perfil do público alvo através de dados e informações levantadas do município e região. Possuirá também uma organização fundamentada em estágios distintos, cada um com suas argumentações e normativas próprias.

O relatório abordará a complexidade do tema e sua relação com o município. Processos de criação e evolutivos do entretenimento cultural, desenvolvimento do comércio na região central da cidade e os novos arranjos no modo de trabalhar nos centros comerciais urbanos. Todos os parâmetros e diagnósticos relatados no presente trabalho foram fundamentados e justificados com dados históricos, informações oficiais e referências adquiridas junto à instituições governamentais de todas as esferas, sejam elas municipais, estaduais e federais.

A primeira fase do trabalho será constituída pela apresentação do tema em si, suas características e análises. Serão debatidas pesquisas em torno da temática cultural, de entretenimento, comércio e serviço tendo como propósito justificar a escolha.

Na segunda fase será detalhada a organização programática do tema, suas funcionalidades e atividades. Programa de necessidades e anseios do município serão importantes para essa formatação. Juntamente com o desenvolvimento de um fluxograma geral e tabelas de áreas.

Adentrando na terceira fase irá se analisar a área de intervenção do projeto. Será feito um breve estudo sobre seu entorno, levantamentos fotográficos e potencialidades do terreno.

Na etapa seguinte as normas e condicionantes legais do município serão incorporadas ao trabalho. Plano diretor e código de obras são alguns dos dados que darão diretrizes em questões referentes a alturas máximas permitidas, tipologias, recuos e afins para o projeto posterior.

Como última etapa, os referenciais servirão para demonstrar soluções adotadas em distintos projetos com o mesmo cunho cultural. As referências serão divididas entre as de funcionalidade, onde será analisada a parte organizacional e de setorização dos espaços e a de arquitetura, em que será observada a estética em si, uso da materialidade e finalização dos projetos.



2

TEMA

2 TEMA

O presente capítulo do trabalho aborda a proposta e a justificativa da temática selecionada.

O município de Estrela, situado no Vale do Taquari, região central do estado do Rio Grande do Sul é sede para a proposta de um Núcleo Cultural, pensando e desenvolvido para abrigar atividades culturais e de entretenimento, agregando serviços locais e comércios de base.

O núcleo tem como objetivo dar mais vitalidade à área central da cidade, além de potencializar o local escolhido nos quesitos econômicos e culturais artísticos, transformando-o assim em um polo regional.

2.1 Apresentação do tema

Centros, Núcleos ou Complexos Culturais são espaços destinados a arte e ao entretenimento. São vistos pela sociedade cada vez mais como locais necessários para uma boa harmonia entre os avanços da modernidade e as raízes culturais atreladas às memórias afetivas das cidades. Estes espaços tem a infraestrutura adequada para garantir uma experiência cultural completa, agregando arte, entretenimento e serviços. O NGC será um espaço de cultura e empreendedorismo da região do Vale do Taquari, abrigando locais para apresentações artísticas, shows, projeções, reuniões, comércio e serviços variados.

O NGC será a fusão do antigo com o novo. A pré-existência da década de 50 locada em um dos lotes da área de intervenção passará por uma grande revitalização, e abrigará um moderno auditório, que será utilizado também como sala de cinema e apresentações diversas. Já o novo será constituído por um bloco construído ao lado da pré-existência, abrigando salas comerciais e um amplo ambiente integrado de trabalho, coworking.

Esse complexo cultural e empreendedor será situado no Estado do Rio Grande do Sul, Vale do Taquari, polo central do município de Estrela, na esquina das ruas

Marechal Floriano e Fernando Abott.

Um marco cultural desse gênero em uma cidade de porte médio como Estrela não possui um único público alvo, mas sim uma gama de possíveis frequentadores desse espaço. Essa população do município e região vai desde as pessoas mais ligadas a cultura propriamente dita, artistas locais, produtores independentes de cinema, bandas da região, grupos de teatro, dança, música e canto, passando por comerciantes e varejistas, chegando até os novos e pequenos empreendedores, sejam eles recém formados, que possuem pequenos negócios ou ainda promissoras startups do vale.

Com o desenvolvimento da região, muito por conta da colaboração da Universidade do Vale do Taquari, Univates, os municípios do vale possuem cada vez mais pessoas capacitadas, uma mão de obra mais qualificada, que precisa de colocação no mercado de trabalho. E são essas pessoas que fazem com que esses espaços integrados de trabalho se tornem necessários, úteis e rentáveis.

2.2. Histórico do tema

2.2.1. Breve histórico e evolução dos equipamentos culturais

Centros culturais em sua ideia conceitual têm como berço de origem a antiga cidade de Alexandria, no norte do Egito. O marco histórico desses espaços é datado na Antiguidade Clássica, por volta do ano de 280 a.C. A Biblioteca de Alexandria desponta como o grande exemplo de espaço cultural, sendo o disseminador da arte e sabedoria da época, permanecendo como referência mundial por muitos anos como local de estudos e cultos. A cultura por si só representa todo um apanhado histórico seja ele de pessoas, lugares ou práticas, como é o caso.

A Biblioteca de Alexandria, de acordo com Ramos (2007, p. 4), era constituída por documentos de conhecimentos gerais. Temas como mitologia, religião, medicina, filosofia, assim como objetos de astrologia, obras de arte e instrumentos cirúrgicos davam volume ao acervo variado. O complexo de Alexandria ainda abrigava um zoológico, jardim botânico, um anfiteatro, salas de trabalho, refeitório e um observatório. A Biblioteca tinha como propósito preservar essas informações e

garantir o conhecimento para as gerações futuras do Egito. Hoje em dia, não existem vestígios do complexo de edifícios onde estava a Biblioteca, o museu e o instituto de pesquisa. No entanto, é possível visitar as ruínas e alguns túneis do Templo de Serápis (Serapeu) onde foram guardados livros que pertenceram à biblioteca.

Figura 1 – Ruínas do Templo de Serápis



Fonte: <https://www.conhecimentogeral.inf.br/biblioteca>

Figura 2 – Ilustração do interior da Biblioteca



Fonte: <https://www.conhecimentogeral.inf.br/biblioteca>

A prática da busca por conhecimento é antiga, e vem atrelada aos propósitos de arte e lazer. Nos tempos atuais, os centros ou núcleos culturais são espaços de ampla abordagem social, que tiveram que se adaptar às novas necessidades das pessoas que os procuram. As bibliotecas precisaram se modernizar, agregando funções e espaços mais flexíveis. Ambientes mais intimistas passaram a ser mais abertos e funcionais, locais de uso mais definido se transformaram em salas multiusos, assim como grandes palcos e teatros deixaram um pouco do luxo e glamour de lado e adotaram uma ar mais leve, abrindo o leque e incorporando, além dos clássicos recitais de música e peças de teatro, palestras, reuniões e apresentações mais contemporâneas.

Esse novo conceito de núcleo cultural deu uma responsabilidade ainda maior para quem se propõe a apostar nesse modelo de espaço. Precisando manter os preceitos históricos da arte e cultura como um todo, aliando com a garantia da presença das características fundamentais da modernidade, suas demandas e necessidades.

As edificações europeias voltadas a cultura e a arte possuíam em comum a característica de serem espaços ao ar livre, grandiosos e com requintes de detalhes em suas estruturas. Os teatros gregos em questão eram especializados geralmente em um semicírculo, formando um anfiteatro onde ficava o público, e no centro, aplainado um círculo, servindo de palco para apresentações artísticas diversas.

As arquibancadas (*cávea*), palco (*orkhestra*) e casa de cena (*skéné*), que é o início do bloco de apoio aos palcos, formavam uma estrutura simples porém robusta perante milhares de espectadores gregos.

Um dos mais importantes exemplos de edificação desse gênero e que encontra-se bem conservado é o Teatro Epidauro, localizado as margens do mar Egeu na Grécia Antiga. Construído no século IV a.C, com capacidade para 12.000 pessoas é um dos maiores teatros gregos já descobertos na história.

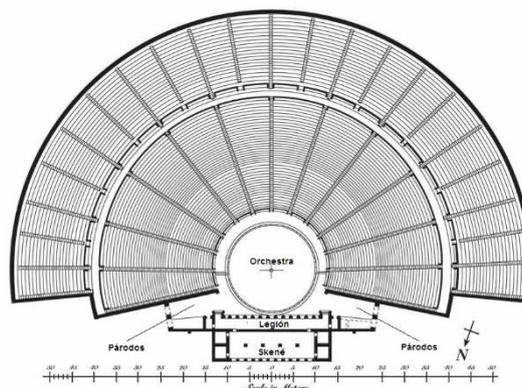
Os teatros gregos foram responsáveis pelas primeiras diretrizes dadas para a criação dos teatros fechados que viriam anos mais tarde. De acordo com Danckwardt, a dinâmica gerada através da interação do público sentado em uma espécie de arena com os artistas que no palco se apresentavam são seguidas e aperfeiçoadas até hoje.

Figura 3 – Vista superior Teatro Epidauro



Fonte: <https://www.infopedia.pt/teatro-de-epidauro>

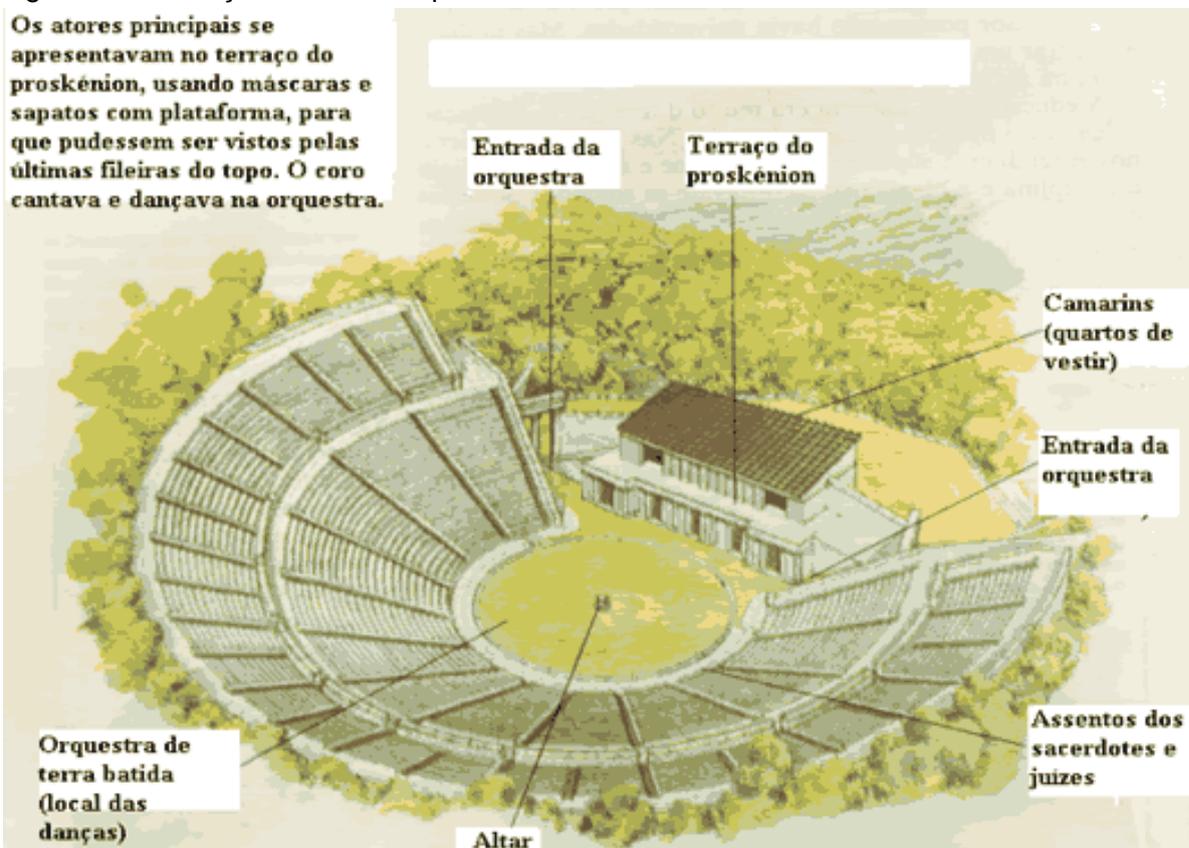
Figura 4 – Planta baixa Teatro Epidauro



Fonte: <https://www.infopedia.pt/teatro-de-epidauro>

Figura 5 – Ilustração do Teatro Epidauro

Os atores principais se apresentavam no terraço do proskénion, usando máscaras e sapatos com plataforma, para que pudessem ser vistos pelas últimas fileiras do topo. O coro cantava e dançava na orquestra.



Fonte: <https://www.infopedia.pt/teatro-de-epidauro>

Os anfiteatros eram arenas ovais ou circulares rodeadas de arquibancadas a céu aberto. Mais precisamente na Roma Antiga, os anfiteatros surgiram através de adaptações oriundas dos teatros gregos e algumas características dos mesmos. Tinham como local centralizado na estrutura o palco, e em seus arredores as cáveas e arquibancadas, degraus onde ficava o público dependendo de suas posições sociais.

O teatro romano em sua concepção muito se assemelha ao teatro grego, visto que surgiu posteriormente e com total influência das edificações da Grécia Antiga. O teatro em si sofreu com o passar dos anos diversas modificações, tendo adaptações feitas de acordo com as necessidades romanas vindas de suas apresentações.

A grande característica que difere as duas arquiteturas está na implantação dos teatros. Os gregos costumavam se utilizar de encostas e montes para ali solidificar as arquibancadas de seus anfiteatros, gerando assim uma acústica considerada perfeita para o propósito da obra. Já os romanos optaram em construir a sua maior parte de teatros em terrenos relativamente planificados, e mais próximos as cidades. Enquanto o teatro grego tinha como plano de fundo a natureza, o teatro romano possuía elementos já edificados dando apoio ao palco e cobrindo boa parte do público da chuva. Diferente dos gregos, os romanos queriam teatros com maior controle e segurança, por isso a maioria era fechado nas laterais e alguns em sua totalidade.

Figura 6 – Coliseu: vista externa



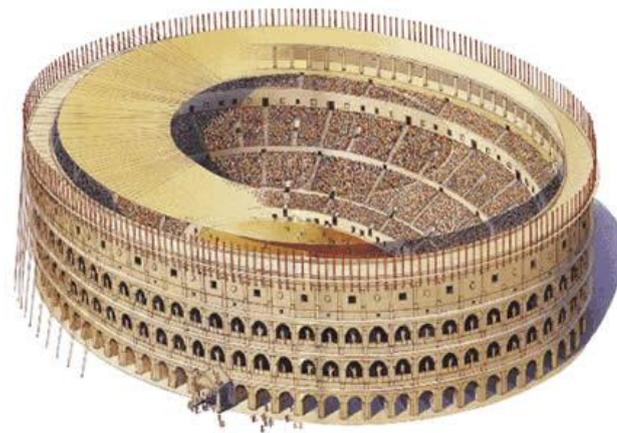
Fonte: <https://www.sohistoria.com.br>

Figura 7 – Coliseu: vista interna



Fonte: <https://www.sohistoria.com.br>

Figura 8 – Coliseu: ilustração



Fonte: <https://www.sohistoria.com.br>

De acordo com Cardoso (2000), as edificações greco-romanas foram criadas para espetáculos, com tudo, com o passar dos anos a Igreja assumiu tudo o que quis respeito a representação teatral, e então esses espaços precisaram se tornar mais imponentes perante o restante das cidades.

A tipologia do teatro é retomada a partir da Renascença, século XVII, época em que as óperas passam a ser o ponto alto do entretenimento social.

A estrutura das edificações culturais desse porte precisaram se adaptar com novas necessidades e espaços. Os espetáculos agora passaram a contar com máquinas para o movimento de painéis de cenografia, telas e cortinas. Por conta desses incrementos, o público precisou ser deslocado, ficando agora separado do palco, justamente para dar espaço a elementos que ocultassem essa nova infraestrutura dos palcos. Essas mudanças de estrutura e configuração das edificações precedeu os teatros de ópera dos séculos XVII e XVIII. Estes por sua vez presavam muito pela qualidade acústica e a visibilidade das salas, tendo adotado o estilo ferradura para a disposição do público e camarotes para o melhor conforto das classes sociais mais elevadas.

Esses teatros possuíam características mais rebuscadas, acabamentos requintados e um profundo nível de detalhamento em seus traços.

As edificações ganham outra proporção. Os teatros antes inseridos entre ou dentro de edificações, passam a ser obras isoladas no meio urbano, ganhando uma simbólica notoriedade.

Figura 9 – Teatro de Ópera de Roma



Fonte: <https://www.wantedinrome.com>

Proveniente da tipologia dos teatros, eis que no fechamento do século XIX surgem na Europa as grandes salas de cinema. Criadas pelos irmãos Lumière, as projeções em grandes telas tiveram início na cidade de Paris, França e logo se espalharam pelo continente. O cinema, tido como a 7ª arte típica da industrialização possuía exibições em grandes salas espalhadas pela Europa e mais tarde pelo mundo todo, abrangendo um enorme público e gerando admiração em seus espectadores. As salas de cinema tiveram influência total dos teatros romanos e de ópera já existentes, trazendo muitas características dessa tipologia. Foram conservadas a plateia baixa, agora escalonada, o mezanino e até mesmo uma altura interna mais elevada, tendo como exceção os camarotes presentes em distintos níveis dos teatros. O cinema foi de fundamental importância para a sociedade da época pois se tratava não apenas de um equipamento de entretenimento mas também de um meio de disseminação informativo, seja de notícias, propagandas além de um difusor cultural muito forte inclusive durante a 1ª Guerra Mundial.

As primeiras exibições de filmes possuíam produções curtas, de aproximadamente 15 minutos, passando a ter longas metragens só após o período da guerra, com a indústria francesa dominando quase 70% das produções e tendo como maioria atores mímicos.

Abaixo pode-se ver uma das salas de exibição mais míticas da Europa, o Cinema Louxor, localizado no centro da cidade de Paris, e detentora por décadas do que havia de mais moderno e luxuoso no ramo cinematográfico.

Figura 10 – Cinema Louxor, Paris.



Fonte: <http://expressoparis.com/le-louxor>

Figura 11 – Cinema Louxor, Paris, 2017.



Fonte: <http://expressoparis.com/le-louxor>

2.2.2. O cinema no Brasil

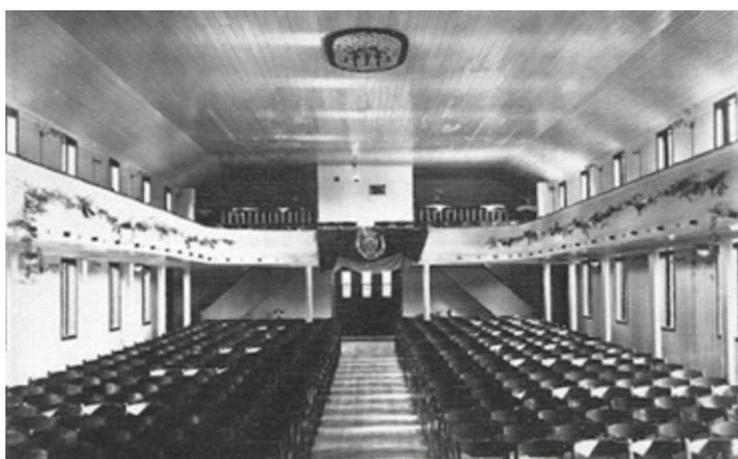
De acordo com (FERNÃO RAMOS, 1978), a história da indústria cinematográfica no Brasil tem seu marco de partida no final do século XIX, no ano de 1896, na cidade do Rio de Janeiro. Responsáveis pela entrada dessa desconhecida indústria no país, os irmãos Paschoal, Segreto e Gaetano, foram os pioneiros do segmento cinematográfico num solo que até então tinha na rádio e jornal seus grandes meios de comunicação com o povo. Os irmãos, nascidos na cidade de Salerno na Itália, imigraram para o Brasil em 1883, ambos aos 15 anos em busca de emprego e uma vida melhor, pois a Itália da época passava por grandes dificuldades financeiras. Chegando no Brasil, notaram a falta de eventos e atividades de diversão para a época, resolvendo assim então buscar algo de novo para incrementar suas rendas e alavancar suas carreiras. Como eram ligados a pessoas influentes da cidade de Paris, logo após o cinema estrear na capital francesa em 1896, eles conseguiram trazer o propósito de projeções em grandes telas para o Brasil. Pelo fato dos meios de entretenimento da época serem escassos e pouco atrativos, a chegada do cinema conseguiu ativar uma área comercial pouco explorada. Esse então foi o marco definitivo para o sucesso da indústria pujante que viria logo a seguir.

Figura 12 – Segreto Paschoal



Fonte: https://pt.wikipedia.org/Cinema_do_Brasil

Figura 13 – Cine Gaúcho



Fonte: http://www.carlosadib.com.br/ciners_fatos.html

Já no ano seguinte, em 1897, os próprios irmãos inauguraram a primeira sala de cinema que se tem registro no país, localizada na capital carioca. A partir daí o cinema se alastrou rapidamente pelo país, tendo inúmeras salas inauguradas e a produção cinematográfica nacional alavancada graças a incentivos financeiros dos governos. Nas décadas entre 1940 e 1970 o cinema brasileiro alcançou seu auge, possuindo produções quase que em sua totalidade nacionais e grandes salas espalhadas pelo país.

Os cinemas de rua foram um grande marco na história do Brasil, chegando a ter salas com capacidade para 3 mil pessoas, algo impensável para os dias de hoje.

Nas décadas de 1920 e 1930, época em que surgiram a maior parte das grandes salas de cinema do país as edificações que abrigavam as salas de projeção adotavam características requintadas e modernistas oriundas dos estilos *art deco* e *art nouveau*, que representavam naquele tempo uma arte contemporânea.

Os cinemas de rua tinham um caráter sobretudo social nos anos em que resistiram. As pessoas se organizavam para ir as sessões, era uma espécie de roteiro de final de semana. O escritor e historiador Ataídes Braga, (2010), descreve que a trajetória das famílias que incluía igreja e cinema durante os finais de semana, foi se degradando. Esse desgaste se deve a alguns fatores considerados em sua análise feita em cima dos cinemas de Belo Horizonte durante as décadas de 1970 e 1980. Um dos fatores é o crescimento das cidades pequenas e médias em que os cinemas estavam instalados. Esse desenvolvimento das cidades gerou um inchaço populacional nos grandes centros, fazendo com que problemas sociais tomassem conta de boa parte das manchetes da época. Os centros urbanos começaram a se degradar e a gerar perspectivas de violência e insegurança. Outro fator influenciador desse declínio dos cinemas de rua e talvez o mais forte deles, é a chegada das televisões e VHS no Brasil. A vinda dessas tecnologias impactou brutalmente o movimento dos cinemas de rua do país, fazendo com que as salas antes únicas e grandes, passassem a ser múltiplas e pequenas. Essa mudança de configuração de salas fez com que os cinemas precisassem de um novo formato de exibição de filmes, sendo necessário dois ou mais longas em cartaz ao mesmo tempo. Com isso, os cinemas deixaram de ter um público fiel e rotineiro como era de costume, e com o passar dos anos não se sustentaram mais.

A partir de meados da década de 1960 os shoppings centers e as grandes

galerias comerciais começam a integrar a paisagem urbana das cidades, fazendo com que as salas de cinema se recolhessem das beiradas de rua e passassem a ocupar espaços no interior desses centros. Essa mudança fez com que as salas tivessem suas configurações alteradas, o que antes eram salas únicas e grandiosas passaram a ser várias pequenas salas subdivididas.

De acordo com a pesquisa do Instituto Datafolha, 2018, no panorama atual, o Brasil possui 83% de suas salas de cinema em shoppings centers, o que representa uma drástica inversão de polos em relação à décadas passadas. Para fins comparativos, entre os anos de 1965 e 1975 os cinemas de rua configuravam 94% do contingente de salas. (ANCINE, 2019).

Com a comodidade dos dias de hoje o cinema foi cada vez mais deixado de lado na lista de atividades para entretenimento, sendo facilmente ultrapassado por canais de televisão por assinatura e plataformas digitais como Youtube e Netflix, por exemplo.

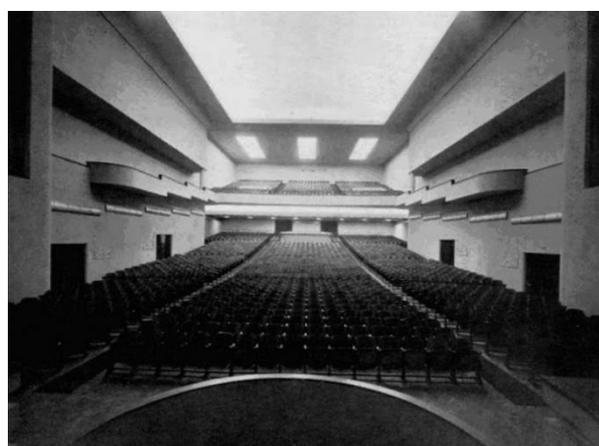
Contudo, a indústria cinematográfica mundial aos poucos vem mostrando uma retomada de confiança por parte da população devido ao seu gigantesco investimento em tecnologia, mídias e conteúdo. Produções milionárias e repletas de astros do cinema mundial despertam um interesse já antes adormecido em jovens e crianças. Esse interesse faz com que a indústria que gira em torno do cinema volte a ter um impulso e movimente diversos setores do comércio, cultura e lazer que englobam esse segmento.

Figura 14 – Cine Art Palácio, São Paulo



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br>

Figura 15 – Cine Art Palácio, São Paulo



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br>

2.2.3. Evolução dos espaços de trabalho

Como parâmetro geral, o ambiente de trabalho historicamente sempre foi um espaço mais voltado ao seu interior, locais mais fechados, de pouca iluminação e com grande capacidade para estações de trabalho. Fábricas e indústrias foram desde os primórdios as principais responsáveis por criar essa imagem alusiva ao modo de trabalho, oriunda das grandes metrópoles mundiais do fim do século XIX. (HERREROS, 2005).

Após a revolução industrial, ocorrida na Inglaterra do século XVIII, os ambientes de trabalho sofreram profundas mudanças no que se refere a ergonomia e conforto dos trabalhadores, iluminação e ventilação dos espaços. (CALDEIRA, 2016).

A evolução dos ambientes de trabalho trouxe uma grande transformação na forma de organização e espacialidade dos mesmos. De acordo com Caldeira, algumas características foram fundamentais para essa mudança. Dentre elas pode-se destacar a busca pela melhor qualidade de vida nos ambientes de trabalho, uma melhor qualificação dos serviços prestados pelas empresas e a consolidação de uma marca no mercado publicitário.

Pode-se ver abaixo como era configurado um ambiente de trabalho fabril de décadas passadas, a seguir será abordado brevemente o contexto dos espaços de trabalho em escritórios no passado e nos dias de hoje.

Figura 16 – Indústria têxtil Inglesa, meados século XVIII



Fonte: <https://escola.britannica.com.br>

A tipologia de escritórios teve seu surgimento no século XIX persistindo até hoje como grande detentora da área de edifícios em centros urbanos. Os escritórios tiveram um exponencial crescimento em decorrência das transformações da sociedade seja em relação a tecnologias de transporte e comunicação. Os primeiros centros mundiais a receberem essas mudanças foram os norte-americanos de Nova Iorque, Chicago e Boston (ÁBALOS; HERREROS, 2005). Com o avanço dessa tipologia as edificações passaram a ser verticalizadas para otimizar os espaços ocupados nas cidades reduzindo assim seus custos. Já no século XX, a invenção da lâmpada fluorescente trouxe novas configurações aos espaços de trabalho em escritórios. Como não eram mais necessárias tantas aberturas para iluminação natural, as mesas foram dispostas em linhas, gerando circulações regradadas e muitas vezes simétricas, fazendo com que os andares dos edifícios de escritório ficassem bastante parecidos com ambientes fabris, principalmente montadoras de automóveis da época. Após a Segunda Guerra Mundial os ambientes de escritórios já possuíam diversos equipamentos modernos como ar condicionado, telefone, telégrafo e máquinas de escrever e a partir disso passaram a não mais ter repartições internas pré-determinadas.

Figura 17 – Escritório típico do início do século XX.



Fonte: <https://escola.britannica.com.br>

Mas foi apenas em 1939, na cidade de Racine, Estados Unidos, que o arquiteto americano Frank Lloyd Wright tirou do papel o primeiro edifício de escritórios com uma planta mais livre, focado no bem estar dos trabalhadores e no seu melhor rendimento dentro da empresa. Tais características foram adotadas mediante estudos e pesquisas relacionadas a produtividade de trabalhadores desse meio corporativo. Pessoas em ambientes dinâmicos e compartilhados acabam produzindo mais em relação as que estão em uma modelo formal, fechado e rígido. Esse conceito de configuração interna foi a origem para o que que vê hoje em dia em relação a espaços de trabalho. Estações de trabalho mais amplas, iluminadas, ventiladas e com uma dinâmica de compartilhamento, foram esses os atributos adotados pela arquitetura contemporânea para criar ambientes de trabalho mais compatíveis com as necessidades atuais de seus frequentadores.

Figura 18 – Edifício Johnson Wax Building.

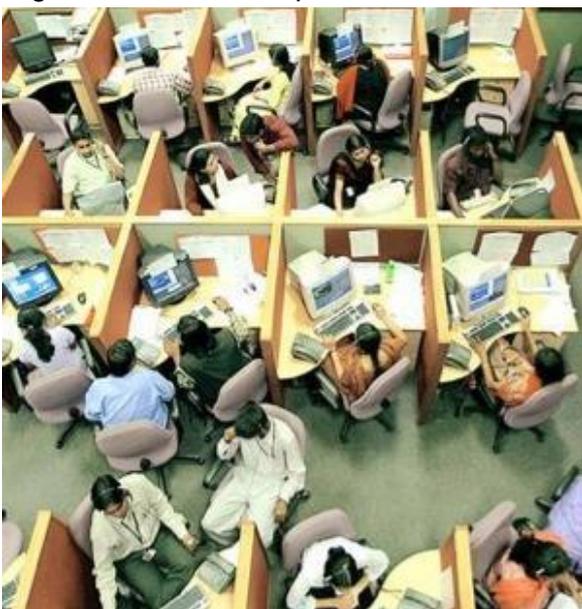


Fonte: <https://escola.britannica.com.br>

Os CoWorkings, por tradução literária cotrabalho, ou simplesmente trabalho compartilhado, surgiram no início dos anos 2000, nos Estados Unidos da América.

Dados de 2005, os coworkings foram criados a fim de inovar a forma como se pensavam os postos de trabalho. Espaços colaborativos onde as pessoas dividiam bancadas, materiais e custos, mas que ainda assim eram mantidos cada um com suas funções e atividades.

Figura 19 – Escritório padrão, anos 1990.



<https://funcional.com.br/evolucao>

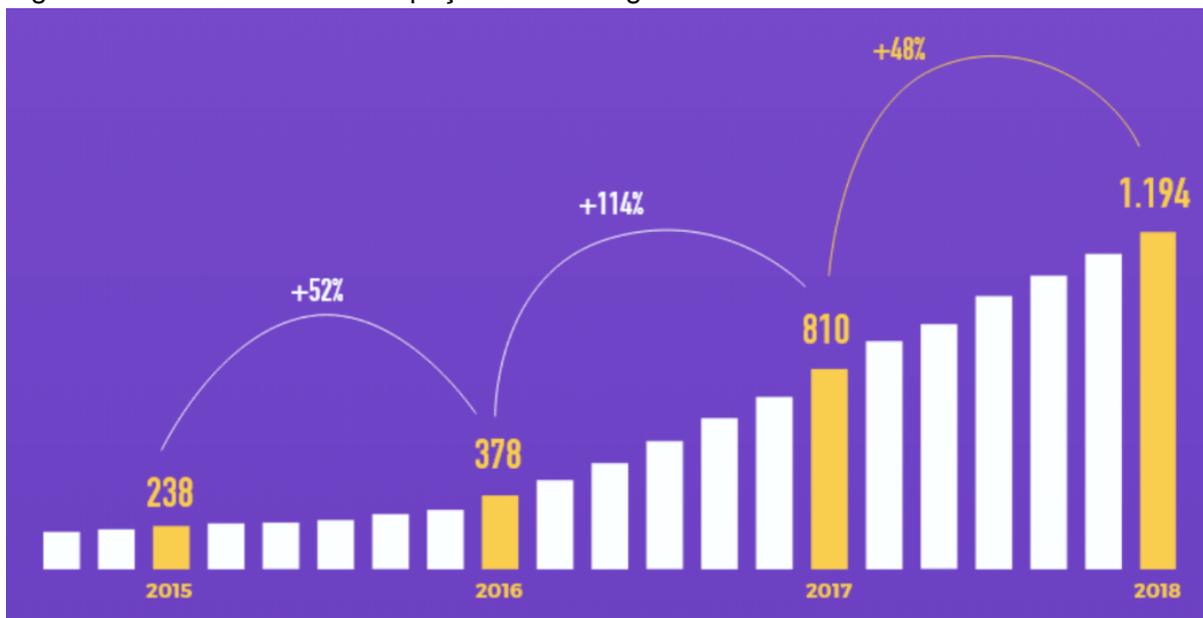
Figura 20 – Escritório padrão, anos 1980.



<https://funcional.com.br/evolucao>

O mercado de CoWorking chegou com força ao Brasil entre os anos de 2013 e 2014, influenciado pela alta demanda de espaços de trabalho no ramo corporativo. Essa demanda se deve muito os jovens recém formados em faculdades que buscavam iniciar suas carreiras e trabalhar por conta própria. Para esses profissionais o espaço desejado muitas vezes era o básico, agregando apenas uma mesa e computador com acesso a rede de internet, e essa procura causou um *boom* no mercado imobiliário. Como o país não estava preparado e também acostumado com esse gênero de espaços houveram dificuldades para a adaptação desses profissionais. A inserção inicial das estações de trabalho compartilhado se deu muito por meio de adequações em edificações antigas e desocupadas nos grandes centros urbanos e muito rapidamente foi se disseminando pelo país. O nicho de espaços compartilhados de trabalho cresce aceleradamente no Brasil, aumentando ainda mais a necessidade de criação desses locais.

Figura 21 – Crescimento de espaços CoWorking no Brasil



Fonte: <https://coworkingbrasil.org/censo/2018>

Figura 22 – Coworking em Nova Iorque



<https://funcional.com.br/evolucao>

2.3. Justificativa do tema

Espaços desse gênero estão escassos na região e cada vez mais procurados por profissionais autônomos e pequenos empreendedores. Com a junção do antigo revitalizado e o novo, o projeto busca uma maior vitalidade pra área central da cidade embasada em um resgate histórico do município, acerca do prédio histórico em si e sua função na sociedade.

Pode-se justificar a edificação de um núcleo cultural desse porte por diversos fatores. O município de Estrela, localizado na micro região do Vale do Taquari, por mais que seja uma cidade rica culturalmente, não possui lugares físicos específicos para contar suas histórias e reviver o passado de alguma forma, ao menos lúdica. Outra questão recorrente é a falta de um auditório no município. Útil para eventos oficiais da administração pública, escolas da cidade, apresentações artísticas, entre outros. Sem contar o espaço de serviços, focado no ambiente de trabalho compartilhado que vem numa curva ascendente no país todo.

Um centro ou núcleo cultural para a cidade de Estrela seria importante para toda a população estrelense e regional, como pode-se notabilizar após a instalação do Centro Cultural Univates, no ano de 2014. Um equipamento desse porte transforma a cidade em polo cultural e de entretenimento, podendo receber atrações e eventos de maior proporção além de atrair holofotes de todo o estado e fora dele.

Já a revitalização de um antigo cinema em si é a tradução do espírito de um município que sempre prezou por suas tradições, costumes e cultura. Por mais que a indústria cinematográfica não esteja mais no seu auge, um cinema sempre agrega valor a uma sociedade. Mesmo tendo em vista todas as transformações que a sociedade sofreu nas últimas décadas considera-se importante esse tipo de resgate histórico proposto no tema, para que essa experiência de socialização de ir a uma sala de cinema, sentar-se numa plateia e assistir a um filme projetado em uma grande tela não se perca. Na região do Vale do Taquari existe apenas um local com tal ocupação, localizado no shopping center da cidade de Lajeado, vizinha à Estrela. O Vale carece de espaços assim, com essa preocupação de entreter e ao mesmo tempo levar cultura a população. Então, porque não em Estrela?



3

PROGRAMA

3 PROGRAMA

No presente capítulo será apresentado o programa de necessidades do projeto, suas características e demais apontamentos pertinentes. Serão abordados os devidos condicionantes legais e justificativas do mesmo. Tabelas de áreas e fluxograma também estarão presentes para dar embasamento ao programa adotado.

3.1. Apresentação do programa

O programa proposto para atender o NGC é composto por três setores: setor cultural, setor comercial e setor de serviços, além de agregar uma área externa descoberta. O setor cultural é responsável por abrigar tudo que se refere à arte, entretenimento e cultura. O mesmo vai contemplar o novo Cine Guarany na edificação histórica já existente. Uma sala de cinema com capacidade para 200 pessoas e que poderá ser usada como auditório em ocasiões que se julgar conveniente. A edificação contará ainda com áreas para bilheteria e *bomboniere*, sanitários, galeria temática, palco, camarins, sala de som e luz, depósitos e foyer com interação junto ao novo bloco que será construído ao lado. O cinema estará na categoria de Independente, não do tradicional comercial, o *mainstream*. Serão sessões aos finais de semana, feriados e datas especiais com produções independentes, documentários, curtas e longas para incentivar a produção artística da região. Também serão exibidos filmes clássicos e *blockbusters*. Filmes novos serão exibidos após saírem de cartaz dos cinemas comerciais. O setor comercial será constituído em um novo bloco, cuja construção será ao lado do CGC, em substituição às edificações térreas existentes que serão removidas. O setor contará com uma cafeteria ligada ao foyer do prédio existente e uma total integração com o público externo. A cafeteria contará com cozinha própria, ampla área para alimentação, sanitários, depósitos e demais espaços de apoio necessários. Nas dependências restantes do pavimento estarão dispostas quatro salas comerciais, dotadas de sanitários, depósitos e mezaninos. O terceiro setor, de serviços, contará com toda a infraestrutura voltada para o trabalho compartilhado e empreendedorismo. Presentes no setor estarão espaços para reuniões, coworking, e sanitários, além de um amplo *lounge* para os usuários e uma copa funcional.

Tabela 01 – Áreas do setor cultural

SETOR CULTURAL	CINE GUARANY	ATIVIDADE	QNT.	USUÁRIOS		MOBILIÁRIO	ÁREA m ²	
				fixo	variável		unit.	total
		foyer	1	—	variável	—	80	80
		bilheteria	1	1	variável	bancada, monitores	20	20
		bomboniere	1	1	variável	bancadas, expositores	20	20
		sanitário masculino	4	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	20
		sanitário feminino	4	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	20
		sanitário PNE	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		galeria temática	1	—	variável	monitores	20	20
		platéia	1	—	200	poltronas	210	210
		palco	1	—	variável	—	30	30
		camarins	2	—	variável	bancadas, araras, sofás, espelhos, poltronas	15	30
		sanitários camarins	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		depósito	1	—	2	armários, prateleiras	25	25
		sala de som e luz	1	1	2	bancada, equipamentos, cadeiras	10	10
		administração	1	1	—	mesa, cadeiras	10	10
							Área Total:	515,00 m ²

Tabela 02 – Áreas do setor comercial

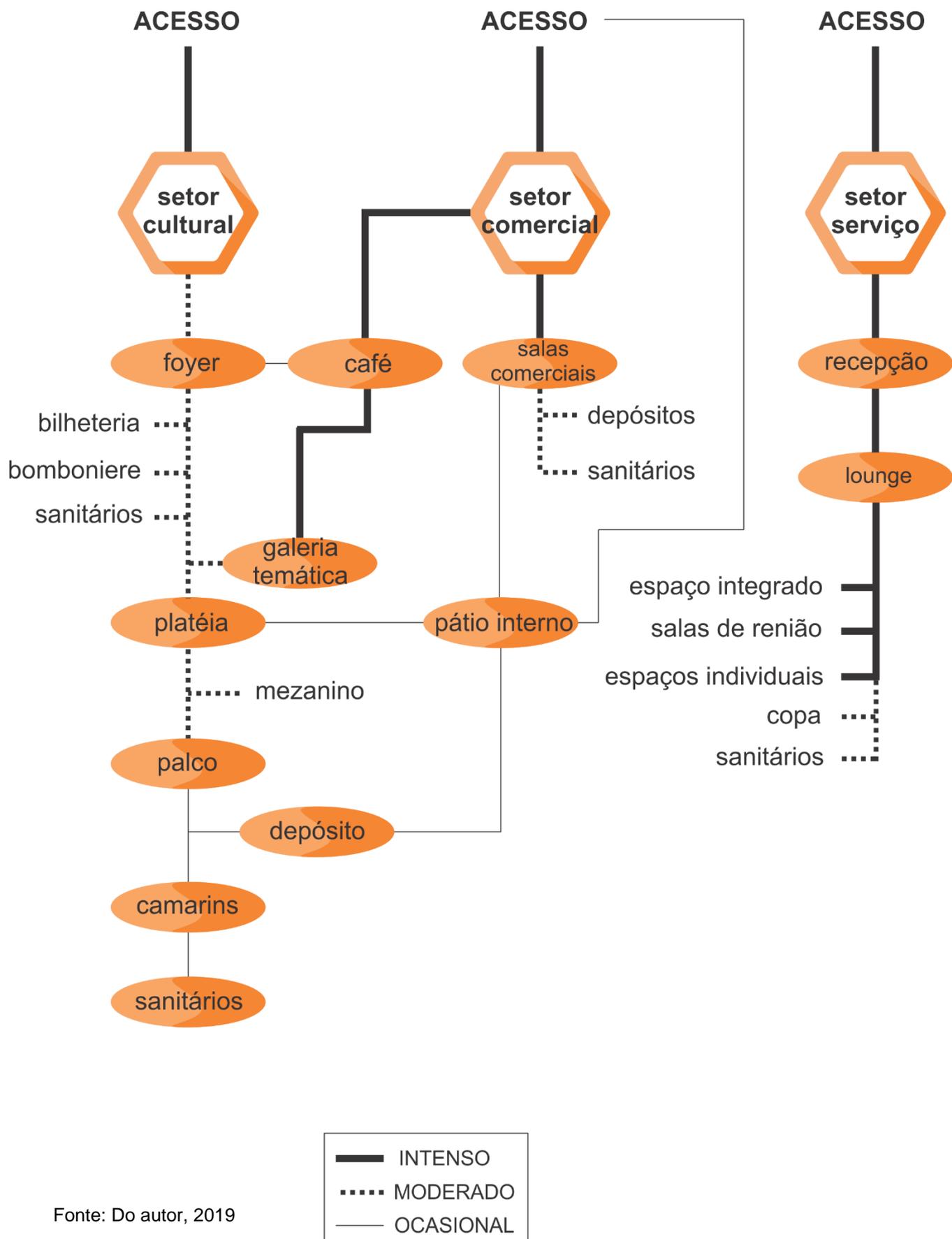
SETOR COMERCIAL	CAFETERIA	ATIVIDADE	QNT.	USUÁRIOS		MOBILIÁRIO	ÁREA m ²	
				fixo	variável		unit.	total
		atendimento	1	3	—	bancada	15	15
		alimentação	1	—	variável	mesas, cadeiras	100	100
		sanitário masculino	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		sanitário feminino	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		sanitário PNE	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		cozinha	1	3	variável	bancadas, micro-ondas, equipamentos, fogão	20	20
		depósito	1	—	2	armários, prateleiras	10	10
		despensa	1	—	2	armários, prateleiras	10	10
		sanitário funcionários	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		vestiário funcionários	2	—	variável	armários, chuveiros	5	10
							Área Total:	200,00 m ²
SETOR COMERCIAL	SALAS COMERCIAIS	ATIVIDADE	QNT.	USUÁRIOS		MOBILIÁRIO	ÁREA m ²	
				fixo	variável		unit.	total
		área de vendas	4	2	—	bancada	60	240
		sanitário	4	—	1	bancadas, vasos, pias	5	20
		depósito	4	—	variável	bancadas, prateleiras	10	40
							Área Total:	300,00 m ²

Tabela 03 – Áreas do setor de serviços

SETOR DE SERVIÇOS	COWORKING	ATIVIDADE	QNT.	USUÁRIOS		MOBILIÁRIO	ÁREA m ²	
				fixo	variável		unit.	total
		recepção	1	1	—	bancada, armários	20	20
		lounge	1	—	variável	sofás, poltronas, mesas	30	30
		copa	1	—	variável	geladeira, pia, bancada, micro-ondas, armários	20	20
		sanitário masculino	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		sanitário feminino	2	—	variável	bancadas, vasos, pias	5	10
		sanitário PNE	1	—	variável	mesa, cadeiras, monitor	5	5
		sala de reunião	2	—	variável	mesa, cadeiras, monitor	20	40
		trabalho compartilhado	1	—	60	mesas, cadeiras	305	305
							Área Total:	440,00 m ²

Fonte: Do autor, 2019

Figura 23 – Fluxograma



Fonte: Do autor, 2019

3.2. Condicionantes legais e normativas

Neste segmento serão abordadas as Normas Brasileiras referentes ao tema proposto. Tudo que for relativo à temática núcleo cultural e suas aptidões aqui estarão apresentadas. Condicionantes legais acerca de auditórios e salas de projeção, ambientes comerciais, cafés e espaços de trabalho. Além de características específicas a respeito de acessibilidade universal e saídas de emergência.

NBR 9050 / Acessibilidade a edificações

A presente Norma de Acessibilidade (ABNT, 2004) estabelece alguns critérios e parâmetros para garantir o acesso universal a edifícios relativos ao tema proposto, seguem eles:

- A área de transferência é a mesma projetada pelo módulo de referência para um usuário cadeirante, 80x120cm;
- O espaço mínimo para passagem: 90cm para um cadeirante; 120cm para PNE e pedestre; e 150cm para a passagem de dois PNE;
- A área de manobra necessária para a rotação da cadeira de rodas é 150x150cm, 360°;
- Rotas acessíveis: não devem possuir degraus vazados nas escadas. O degrau não pode ser menor que 16cm e maior que 18cm e sua base não pode exceder a projeção de 1,5cm;
- Os lances de escadas devem possuir um patamar a cada 3,2m de desnível ou em mudanças de direção. As dimensões mínimas do patamar devem ser 1,2m de comprimento e largura igual à escada;
- As portas deverão ter vão livre de 80cm e altura livre de 2,1m. Sua aproximação precisa possuir uma área de manobra de 180°, equivalente a 1,2m x 1,5m;
- Precisa conter no mínimo, um sanitário adaptado para cada bateria de sanitários, ou 5% de cada peça instalada;
- Os vestiários devem possuir, no mínimo, largura e comprimento de 1,8m e conter superfície para troca de roupas de 80x180cm, providos com barras de apoio, espelho e cabides, juntamente com o espaço para a área de transferência;
- Os auditórios devem possuir áreas destinadas ao público PNE associados à saídas de emergência e junto à assentos para acompanhantes;

- Devem ser previstas 4% de áreas de assentos para PNE para um público igual ou menor à 500 pessoas;
- A dimensão da área para PNE em auditórios deve ser igual à um módulo de referência (80x120cm) acrescido de 60cm no comprimento;
- Numa altura de até 60cm, o palco poderá ser acessado por rampa com inclinação máxima de 16%;
- Locais de refeição devem possuir 5% do total de mesas adaptadas para PNE ou, no mínimo, uma mesa adaptada;
- 5% do total de superfícies para refeições ou trabalho deverão ser adaptadas para PNE, ou no mínimo, uma mesa. A mesa adaptada deverá possuir, no mínimo, 73cm de altura e possuir área de aproximação igual à um módulo de referência (80x120cm) que poderá sobrepor a projeção da mesa em, no máximo, 50cm.

NBR 9077 / Saídas de emergência

Uma das diretrizes mais importantes de um projeto que engloba locais com aglomeração de pessoas é a referente as saídas de emergência. A presente Norma (ABNT,1993), trás diferentes classificações conforme dos usos, sendo elas: o setor de serviços que engloba o coworking como serviços profissionais, pessoais e técnicos, o setor comercial dividido em duas partes: comercial varejista, que trata das salas comerciais, e locais de reunião de público, que refere-se à cafeteria. Por fim, o setor cultural que agrega o auditório e sala de projeção também é classificado na categoria locais de reunião de público.

- De acordo com o gabarito da quadra e a altura das edificações preexistentes conforme figura 28 (*Alturas do Entorno*), a norma classifica o volume proposto como uma edificação de média altura, com no máximo 12m;
- A edificação proposta será do tipo Y, edificação com estrutura resistente ao fogo, mas com fácil propagação de fogo entre os pavimentos;
- Para o dimensionamento de saídas, estima-se: para o Setor de Serviços, população de 1 pessoa/7m², acessos de 100up (unidades de passagem), escadas e rampas de 60up e portas de 100up; já para os Setores Comercial e Cultural, população de 1 pessoa/m², acessos de 100up, escadas e rampas de 75up e portas de 100up;
- A norma exige no mínimo duas saídas de emergência à prova de fumaça para o Setor de Serviços, Comercial e Cultural;
- A distância máxima a ser percorrida até uma saída de emergência considerada é a pior situação possível para este tipo de edificação, resultando em 30m;
- O lance máximo de uma escada não deve ultrapassar 3.7m de altura. Os patamares devem ser calculados por $p=(2h + b)n + b$ mas, nunca menores que a largura da escada;
- Os guarda-corpos devem ter no mínimo 1.3m de altura em áreas externas e 1.05m de altura em áreas internas.

NBR 10152 / Níveis de ruído para conforto acústico

A presente Norma (ABNT,2017), determina os níveis de ruído para o melhor conforto acústico de cada ambiente, afim de evitar riscos de danos à saúde em decorrência do barulho excessivo.

Nesta norma são apresentadas diretrizes referentes aos materiais usados no ambiente proposto para receber espetáculos, cujo o mesmo precisa estar isolado dos sons externos e possuir uma boa acústica para que não transmita o som interno para fora.

Normativas para auditórios

Para o desenvolvimento do projeto de um auditório será necessário levar em consideração algumas normas técnicas específicas referentes ao mesmo. Todos os espaços propostos devem apresentar conforto ambiental e estético aos usuários. De acordo com a tabela a seguir consegue-se analisar a área e o volume necessário por cada assento do auditório.

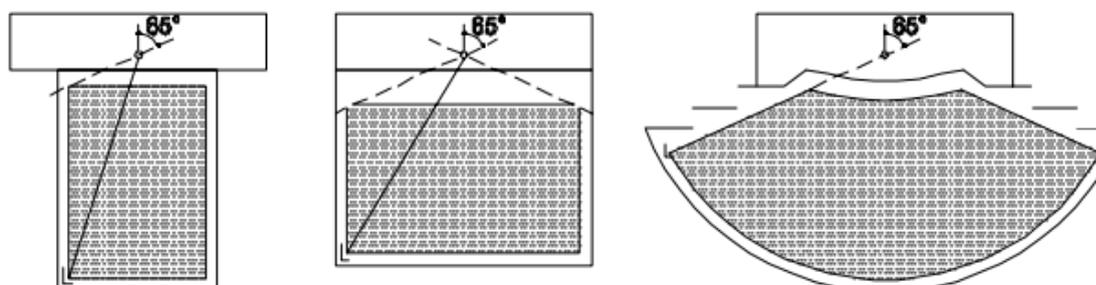
Tabela 4 – Área e volume por assento

Área por assento	0.55 – 0.7 m ²
Volume por assento	2.0 – 5.0 m ³

Fonte:(MEHTA,JOHNSONeROCAFORTapudSOLER,CAROLINA;KOWALTOWSKI,DORISC.C.K.;PINA,SILVIAA.MIKANIG.,2005,p.05)

Para auditórios desse gênero existem diversas configurações de layout para a plateia, como pode-se ver na imagem a seguir;

Figura 24 – Tipologias de auditórios



Fonte:(MEHTA,JOHNSONeROCAFORTapudSOLER,CAROLINA;KOWALTOWSKI,DORISC.C.K.;PINA,SILVIAA.MIKANIG.,2005,p.06)

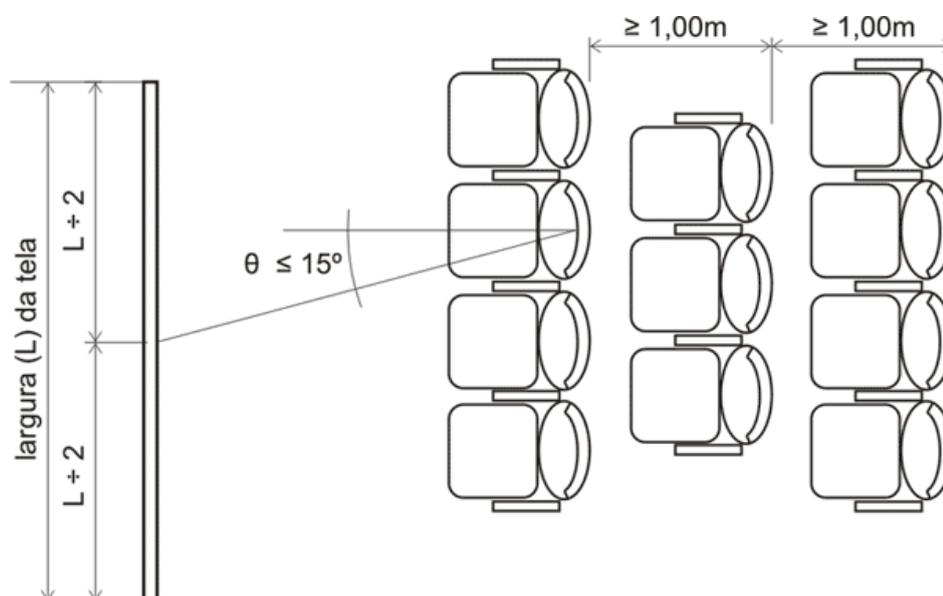
Como medida de conforto e segurança, sugere-se considerar um espaçamento médio entre 90 e 100cm por fileira. O palco deve se situar entre 70 e 90 cm em relação ao piso, uma vez que o espectador da primeira fileira tem sua visão a 110 cm em média.

Figura 25 – Espaçamento entre fileiras



Fonte:(MEHTA,JOHNSONeROCAFORTapudSOLER,CAROLINA;KOWALTOWSKI,DORISC.C.K.;PINA,SILVIAA.MIKANIG.,2005,p.09)

Figura 26 – Espaçamento entre poltronas



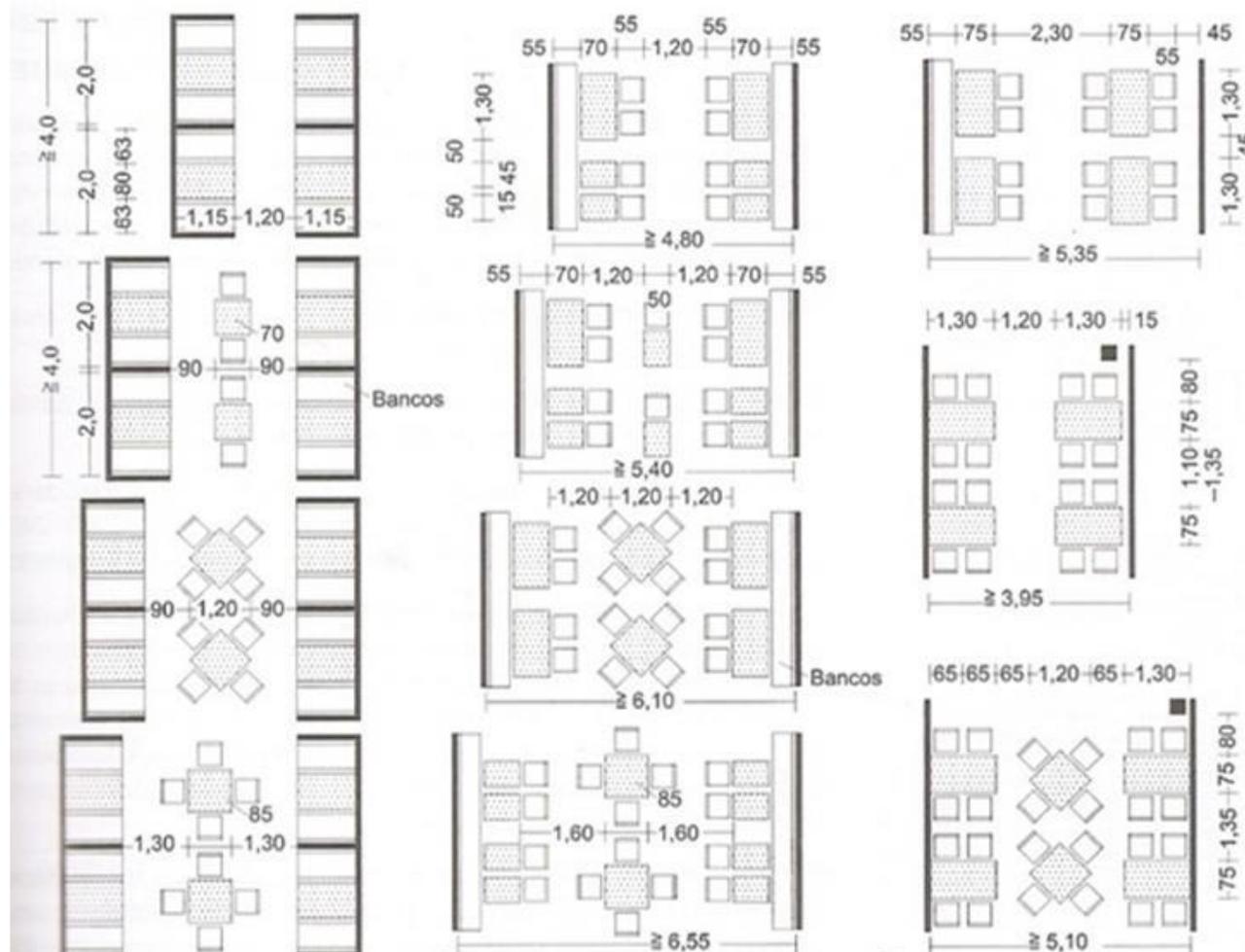
Fonte:(MEHTA,JOHNSONeROCAFORTapudSOLER,CAROLINA;KOWALTOWSKI,DORISC.C.K.;PINA,SILVIAA.MIKANIG.,2005,p.10)

Padrões recomendados de dimensionamento para cafeterias

Para garantir um funcionamento sem conflitos em bares, restaurantes ou cafeterias, as mesas e assentos devem estar dispostas de forma que não atrapalhem o fluxo e circulação de pessoas dentro dele. (NEUFERT, 2013).

Nos padrões abaixo também são apresentados layouts para que se alcance um maior conforto do público frequentador dos ambientes tanto de estar quanto de circulação e uma melhor funcionalidade acerca dos funcionários e serviços oferecidos.

Figura 27 – Distância entre mesas



Fonte: NEUFERT (2013).

Normativas municipais

Código de Edificações / Lei nº 1622/1979

Essa presente etapa abordará normas e diretrizes oriundas do Código de Edificações de Estrela referentes ao tema e programa propostos. Serão tratados assuntos pertinentes ao que se refere à legislações municipais de dimensionamentos mínimos de ambientes, recuos das edificações, alturas permitidas e afins.

- Capítulo XVII - Seção II / Galerias comerciais (pág. 62)

- As galerias comerciais além das exigências, isto é, disposições do presente Código que lhes forem aplicáveis, deverão:

- possuir uma largura e pé-direito no mínimo de 4,00m (quatro metros) e nunca inferiores a 1/12 (um doze avos) do seu maior percurso;

- ter suas lojas, quando com acesso principal pela galeria uma área mínima de 10,00m² (dez metros quadrados) podendo ser ventiladas através desta e iluminada artificialmente;

- as lojas deverão possuir instalações sanitárias, de acordo com as prescrições do artigo 192º;

- As galerias comerciais deverão permanecer abertas ao trânsito público, ininterruptamente.

- Capítulo XXII / Auditórios (pág. 68)

- ter vãos de iluminação e ventilação efetiva cuja superfície não seja inferior a um décimo (1/10) da área do piso;

- As portas serão dimensionadas em função da lotação máxima, obedecendo ao seguinte:

- possuírem, no mínimo a mesma largura dos corredores;

- possuírem as de saída largura total, (somados todos os vãos) correspondendo a 1cm (um centímetro) por pessoa não podendo cada porta ter menos de 1,50m (um metro e cinquenta centímetros) de vão livre, nem ficar a menos de 2,00m (dois metros) de qualquer anteparo devendo abrir no sentido do escoamento.

- Os corredores serão dimensionados em função da Lotação máxima e

obedecendo ao seguinte:

– as circulações de acessos e escoamento devem ter completa independência relativamente as economias contíguas ou superpostas ao auditório;

– os corredores de escoamentos devem possuir largura mínima de 1,50m (um metro e cinquenta centímetros) para até cento e cinquenta (150) pessoas, largura que será

aumentada na razão de 1mm (um milímetro) por pessoa excedente. Quando o escoamento se fizer para dois (2) logradouros, este acréscimo poderá ser reduzido de 50% (cinquenta por cento);

– os corredores longitudinais do salão devem ter largura mínima de 1,00m (um metro) e os transversais de 1,70m (um metro e setenta centímetros) para até cem (100) pessoas, larguras estas que serão aumentadas na razão de 1mm (um milímetro) por pessoa excedente deduzida a capacidade de acumulação de quatro (4) pessoas por metro quadrado no corredor.

– As poltronas deverão ser distribuídas em setores, separados por corredores, observando o seguinte:

– o número de poltronas em cada setor não poderá ultrapassar a duzentos e cinquenta (250);

– as filas dos setores centrais terão no máximo dezesseis (16) poltronas;

– quando estes setores ficarem junto as paredes laterais, será de oito (8) o número máximo de poltronas;

– o espaçamento mínimo entre as filas de poltronas deverá ser de:

a) quando situada na platéia, 0,90cm (noventa centímetros) para as poltronas fixas e 0,85cm (oitenta e cinco centímetros) para os móveis;

b) quando situadas nos balcões 0,95cm (noventa e cinco centímetros) para as poltronas fixas e 0,88cm (oitenta e oito centímetros).

• Capítulo XXVIII / Cinemas (pág. 70)

– As edificações destinadas a cinemas além das disposições do presente Código que lhes forem aplicadas, deverão:

– ter sala de espera contígua e de fácil acesso a sala de projeção com área mínima de 20dm² (vinte

decímetros quadrados) por pessoa calculada sobre a capacidade total onde

deverão estar localizadas as bilheterias;

– As portas, corredores e escadas deverão ser construídas indiretamente de material incombustível e obedecendo as seguintes condições:

– ter completa independência com a sala de espetáculo com exceção das aberturas de projeção e visores estritamente necessários;

– ter área suficiente para no mínimo dois (2) projetores com dimensões mínimas de:

a) 3,00m (três metros) de profundidade na direção da projeção;

b) 4,00m (quatro metros) de largura;

c) 1,50m (um metro e cinquenta centímetros de acréscimo na largura para cada projetor excedente;

3 – ter pé-direito mínimo de 3,00m (três metros);

4 – ter escada de acesso, quando houver, dotada de corrimão;

5 – ter porta de acesso abrindo para fora;

6 – ter tratamento acústico adequado;

7 – ter ventilação permanente podendo ser por meio de poço ou chaminé;

8 – ter equipamento contra incêndio de acordo com o que dispuser a ABNT.

3.3 Justificativa do programa

O programa de necessidades do NGC foi pensado para que seja condizente ao porte da edificação abordada. Como se trata de um prédio histórico e simbólico para a cidade, o programa deve contemplar diversas atividades relativas ao tema da proposta e ao mesmo tempo que essas estejam no mesmo grau de importância para com o mesmo.

Como se trata de um núcleo cultural, os espaços precisam necessariamente abrigar atrações desse gênero, e assim o faz. Como foco principal o programa apresenta a sala de projeção, sendo uma sala de cinema ou um auditório para 200 pessoas. Por se tratar de uma temática de cinema independente não se faz necessária uma sala muito maior que a apresentada, visto que o cinema não terá o conceito comercial. Possuindo relação com o cinema, uma cafeteria e galeria temática farão parte do programa. A cafeteria terá a função de elo de ligação entre os setores cultural e comercial, abrigando uma ampla área de alimentação e serviços. Já a galeria temática contará com uma breve linha do tempo do cinema gaúcho, focando na trajetória do mesmo no município de Estrela, ela estará vinculada diretamente ao setor cultural. Salas comerciais e espaços para trabalho compartilhado também se farão presentes, e fecharão o programa com o setor comercial da proposta. Serão pontos comerciais varejistas que darão uma movimentação e qualidade maior aos usuários do centro da cidade. Finalizando o programa estará o setor de serviços, que abrigará o trabalho compartilhado, coworking. Estes, locais de uso conjunto e dinâmico para diferentes tarefas e finalidades.

O programa está adaptado as necessidades atuais do município de Estrela e a sua capacidade de comportar um núcleo cultural dessa envergadura.



4

ÁREA DE
INTERVENÇÃO

4 ÁREA DE INTERVENÇÃO

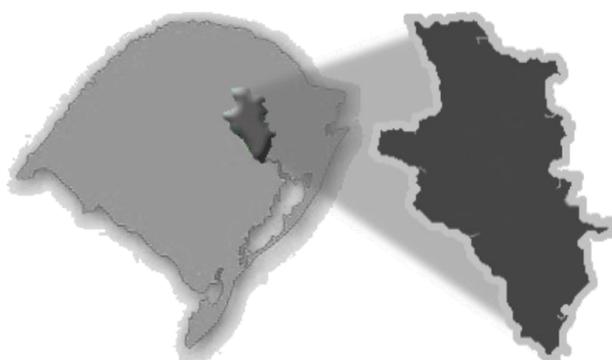
Nesta etapa será apresentada a área de intervenção da proposta de trabalho.

Trazendo de uma escala geral em que abrange todo o Estado até uma microzona, focando no terreno em questão, juntamente com seus condicionantes legais e justificativa de escolha.

4.1 Apresentação do terreno

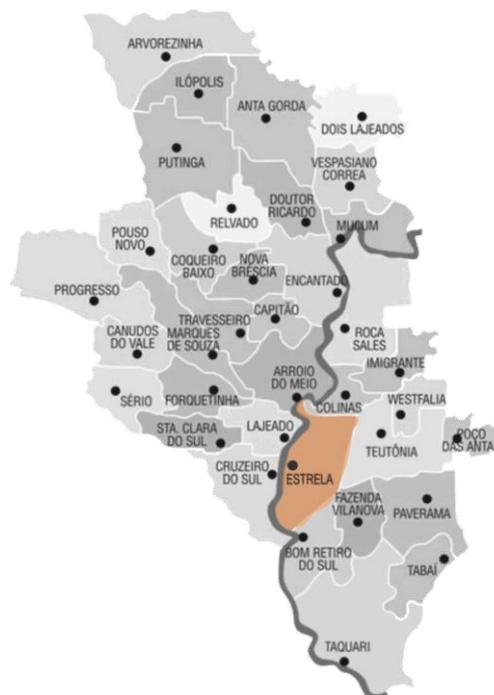
A cidade de Estrela se encontra no Vale do Taquari, região central do estado do Rio Grande do Sul, distante a 130 km da capital Porto Alegre. Possui uma localização privilegiada no que se refere a acessos, contando com uma infraestrutura complexa de entroncamento rodo-hidro-ferroviário, sendo um dos poucos municípios do Estado com essa característica. Já por sua vez, o Vale do Taquari é a 3ª maior microrregião econômica do Estado, ficando atrás da região metropolitana de Porto Alegre e da serra gaúcha.

Figura 28 – Mapa Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado pelo autor, 2019.

Figura 29 – Mapa Vale do Taquari



Fonte: Adaptado pelo autor, 2019.

Conforme mostrado na *figura 29*, a cidade de Estrela faz divisa direta com os municípios de Colinas, Teutônia, Fazenda Vilanova e Bom Retiro do Sul, além de ter o Rio Taquari como seu limite natural em relação às cidades de Arroio do Meio, Lajeado e Cruzeiro do Sul.

Figura 30 – Mapa de limites e acessos



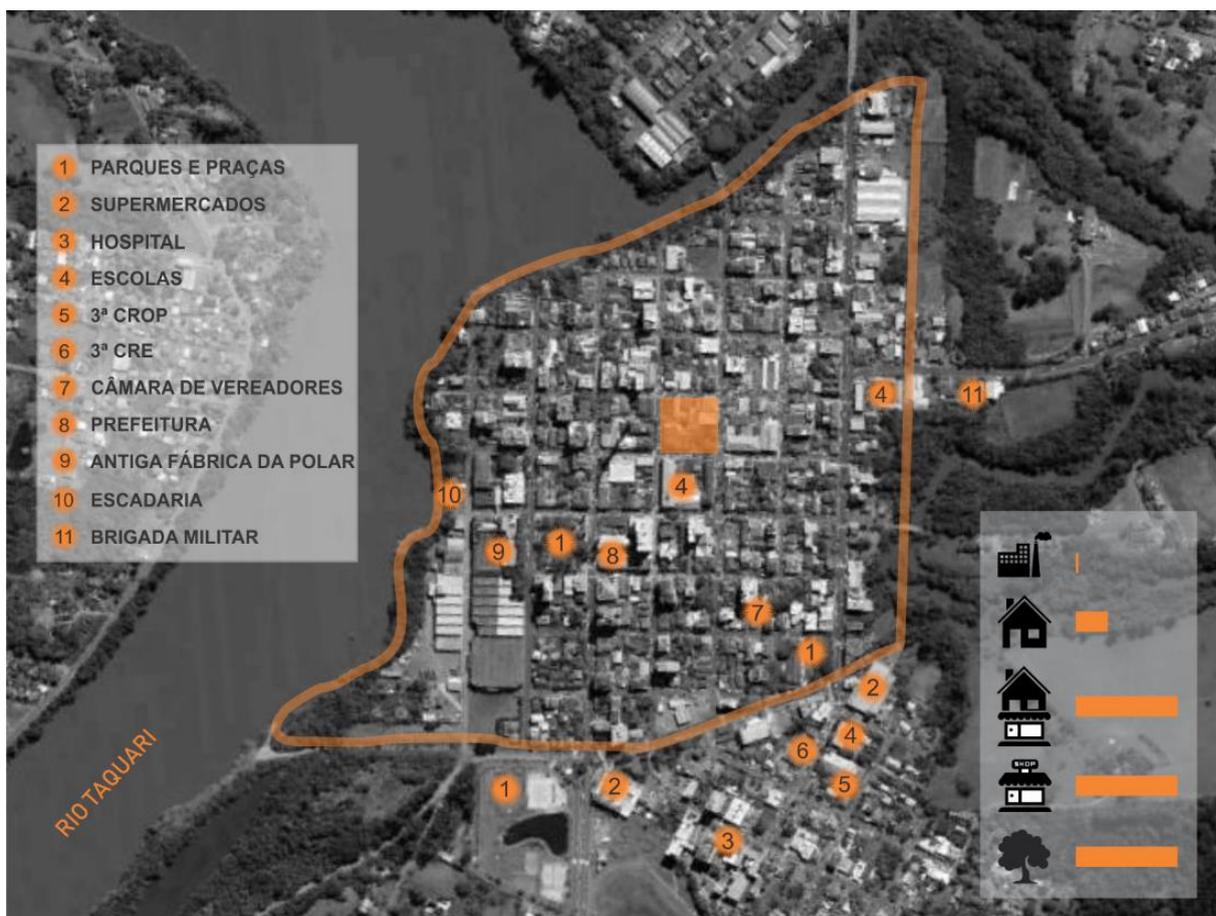
Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2019.

Logo acima observa-se a relação de Estrela com os municípios vizinhos. Também é possível verificar as conexões que o município possui em questão de acessos. Destacam-se em âmbito macro a BR 386 (*rodovia Governador Leonel de Moura Brizola*), que conecta os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, RS 453 (*rota do sol*), ligando o Vale do Taquari à serra e litoral gaúcho, a linha férrea que faz conexão com a serra gaúcha e a região metropolitana do estado, e o Rio Taquari, possuindo quase 400km de extensão, que encontra em Estrela o Porto Fluvial, formando assim um dos únicos entroncamentos rodo-hidro-ferroviário do estado.

Além destas, a Avenida Rio Branco, já em escala local, fazendo a ligação do trevo de acesso ao centro de Estrela.

Na imagem a seguir que enquadra a área central do município constata-se alguns marcos importantes do bairro. Pode-se visualizar também as atividades predominantes na área, tendo o terreno destacado ao centro.

Figura 31 – Mapa de usos e atividades



Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2019.

O bairro centro dos municípios é caracterizado geralmente pela grande concentração de comércios e serviços, o que não chega a ser diferente em Estrela. Porém, por se tratar de uma cidade que teve seu início justamente nessa área ainda existe muita massa edificada residencial, o que torna o uso misto, com base comercial e pavimento superior residência, a atividade predominante do bairro.

A seguir pode-se observar alguns pontos importantes e marcos históricos da área central da cidade de Estrela como a antiga Cervejaria Polar, a Escadaria, Igreja Católica Matriz, Administração Municipal e os dois prédios que abrigaram a Casa de Cultura do município, antigo e atual.

Figura 32 – Antiga Cervejaria Polar



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 33 – Biblioteca municipal



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 34 – Sede da AMVAT



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 35 – Sede dos Correios



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 36 – Igreja Matriz - Prefeitura



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 37 – Calçada



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 38 – Secretaria do Sedesth



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 40 – Panorama do bairro Centro



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 42 – Escadaria



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 39 – Casa de Cultura Bertholdo Gausmann



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 41 – Sede da IECLB



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 43 – Escadaria



Fonte: Do autor, 2019.

A região central do município ainda não possui uma verticalização acentuada, o que pode ser visto no mapa a seguir. O bairro ainda é predominantemente configurado com edificações baixas de até três pavimentos, tendo o térreo como comércio e serviço e os demais pavimentos residenciais.

Figura 44 – Mapa de alturas



Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2019.

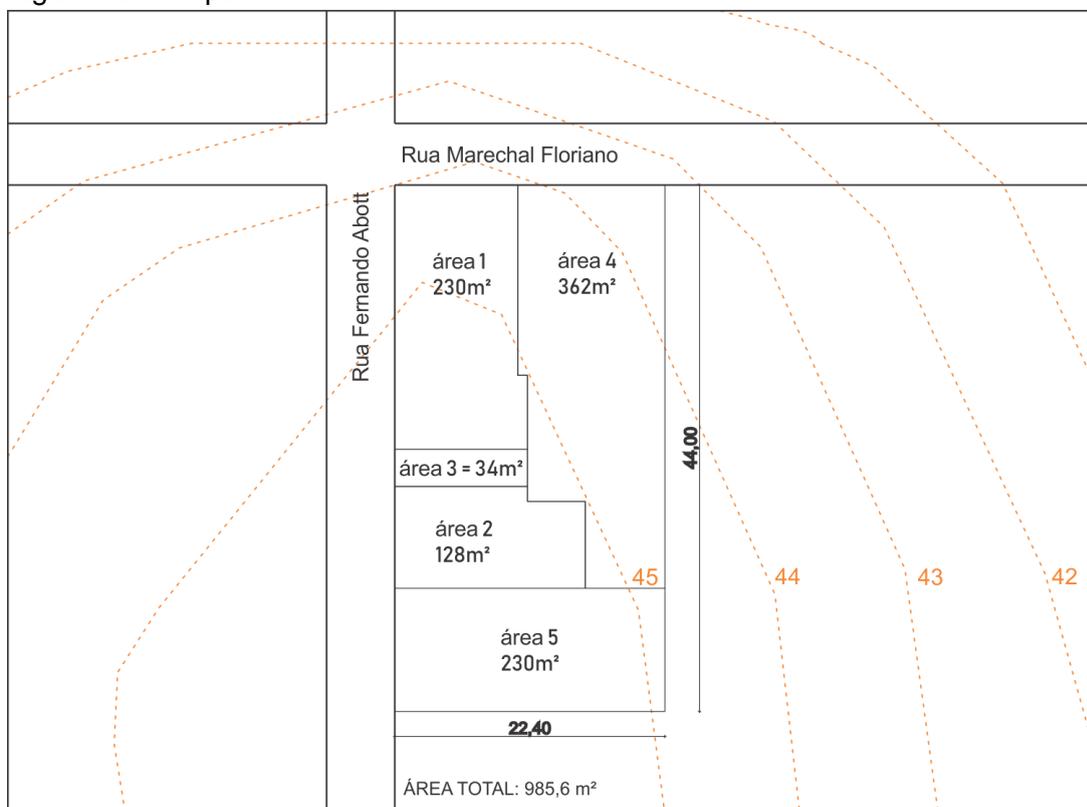
Por se tratar de um bairro com grande volume residencial, a circulação de veículos é alta mesmo fora de horários normalmente turbulentos. Os fluxos viários da região se tornam densos muito por conta das avenidas serem todas estreitas e de sentido único, não dando fluidez ao trânsito. Essa hierarquia de vias pode ser vista na figura que segue.

Figura 45 – Mapa de fluxos



Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2019.

Figura 46 – Mapa cadastral



Fonte: Do autor, 2019.

No mapa cadastral acima se observa que a área de intervenção é composta por cinco lotes distintos que serão unificados, formando um lote único, totalizando 958,60m². O terreno está localizado na esquina entre as ruas Marechal Floriano e Fernando Abott e possui do ponto mais alto ao mais baixo um desnível de três metros.

Figura 47 – Mapa de visuais



Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor, 2019.

No mapa de visuais acima pode-se notar que os lotes unificados possuem edificações consolidadas, utilizando quase que a totalidade do solo. O terreno está inserido em uma quadra de grande potencial e movimentação do bairro, tendo sua maior face voltada para a rua Fernando Abott, uma avenida conhecida por aglomerar boa parte do comércio central e receber eventos do município. As edificações existentes nos lotes são em sua maioria baixas, de apenas um pavimento, sendo ocupadas por comércios. Existe uma edificação apenas de dois pavimentos, é uma pré-existência histórica que abrigava o antigo Cine Guarany da cidade.

Figura 48 – Visual 01



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 49 – Visual 02



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 50 – Visual 03



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 51 – Visual 04

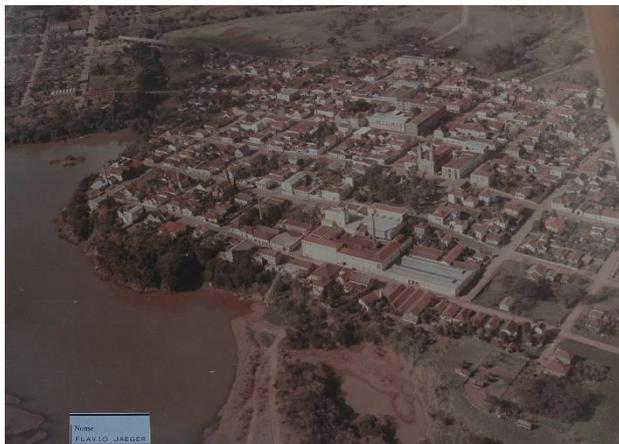


Fonte: Google Earth, 2019.

Nas visuais da área de intervenção é possível identificar as edificações térreas de comércio, a pré-existência do antigo cinema e as relações que ambas tem com a área externa. Todas as edificações possuem comunicação direta com as ruas e estão coladas umas nas outras, sem qualquer recuo, seja frontal ou lateral. Todas as construções, exceto o antigo cinema, são contemporâneas e térreas, não possuindo uma importância significativa para a cidade, portanto poderiam ser demolidas e substituídas.

Abaixo algumas imagens históricas de diferentes pontos do município:

Figura 52 – Panorama geral da cidade



Fonte: Secultur Estrela, 2019.

Figura 53 – Praça da matriz, 1979



Fonte: Secultur Estrela, 2019.

Figura 54 – Calçadão, ainda peatonal



Fonte: Secultur Estrela, 2019.

Figura 55 – Igreja Matriz e Prefeitura, 1949



Fonte: Secultur Estrela, 2019.

Figura 56 – Escadaria



Fonte: Secultur Estrela, 2019.

Figura 57 – Rua Arnaldo José Diel, 1950



Fonte: Secultur Estrela, 2019.

4.1.1. Pré-existências

A área de intervenção é constituída por cinco lotes já edificados, neles são encontradas edificações de baixa densidade e relevância municipal, exceto uma delas, o antigo cinema. Como pode-se observar nas figuras a seguir, as construções são térreas e de baixa complexidade, tornando plausível assim a intervenção proposta.

Figura 58 – Pré-existência 1



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 59 – Pré-existência 2



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 60 – Pré-existência 3



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 61 – Pré-existência 4



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 62 – Pré-existência 5



Fonte: Do autor, 2019.

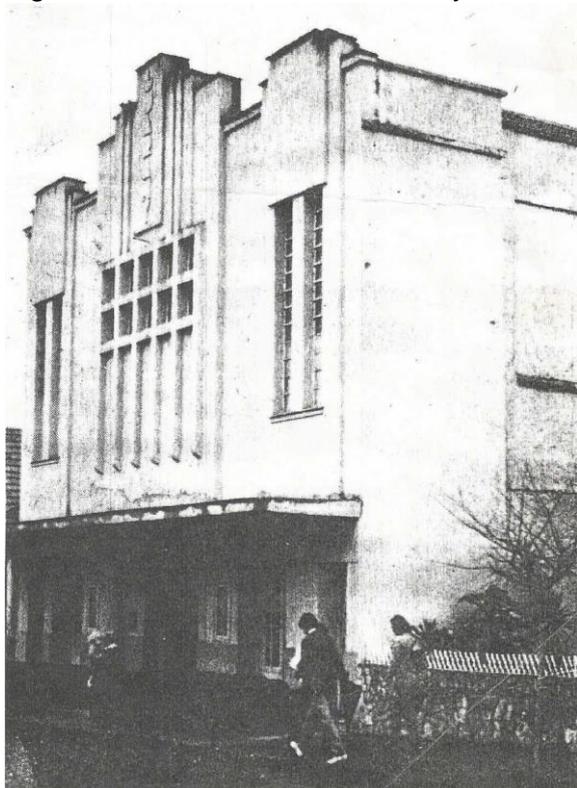
Figura 63 – Pré-existência 6.



Fonte: Google Maps, 2019.

Dentre as edificações existentes, a única a ser mantida será a mostrada na figura tal. Construído no ano de 1949, o prédio abrigou por 31 anos o Cine Guarany, fechado em 1980. Originalmente possuía um mezanino com capacidade para 100 pessoas sentadas, e um setor de plateia no térreo para 300 pessoas, totalizando uma sala de cinema para um público máximo de 400 pessoas sentadas. Também agregava sanitários, depósitos, sala de projeção, bilheteria e bomboniere.

Figura 64 – Fachada Cine Guarany, 1959



Fonte: Acervo de Cristofer Bergesch.

Figura 67 – Vista do mezanino



Fonte: Acervo de Cristofer Bergesch.

Figura 65 – Seção de cinema, 1970



Fonte: Acervo de Cristofer Bergesch.

Figura 66 – Vista do palco



Fonte: Acervo de Cristofer Bergesch.

Figura 68 – Seção de cinema, 1970

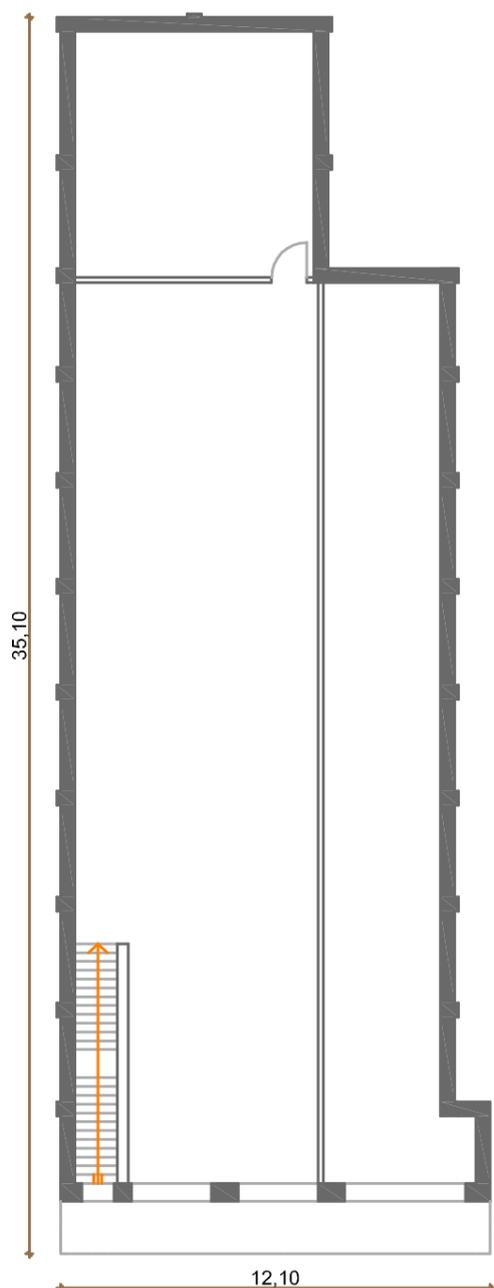


Fonte: Acervo de Cristofer Bergesch.

A edificação depois desse período serviu como salas comerciais, videolocadora e hoje novamente abriga a tipologia comercial.

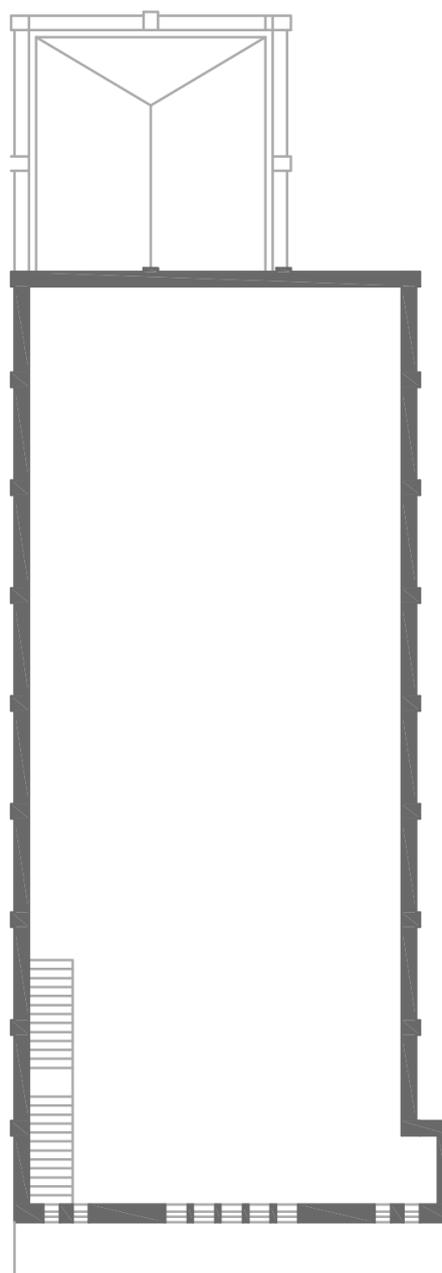
O prédio recentemente passou por uma reforma e seu mezanino foi suprimido, tendo o pavimento superior fechado com uma laje total. O térreo foi dividido em duas salas comerciais e o pavimento superior servindo apenas para depósito, com acesso apenas pela parte externa do prédio.

Figura 69 – Planta baixa Térreo



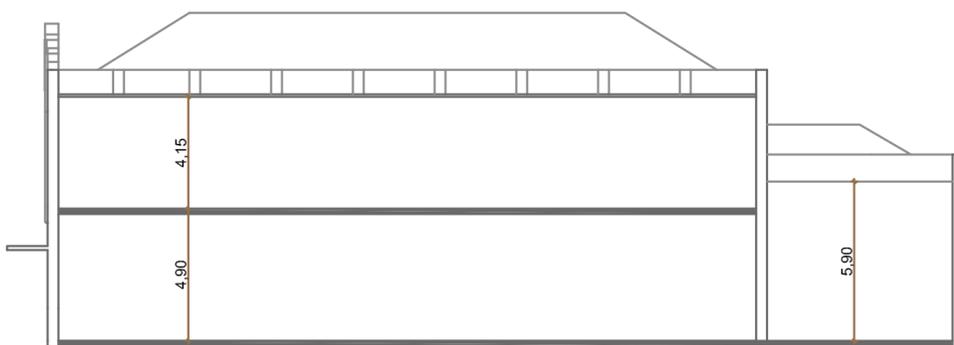
Fonte: Do autor, 2019.

Figura 70 – Planta baixa Superior



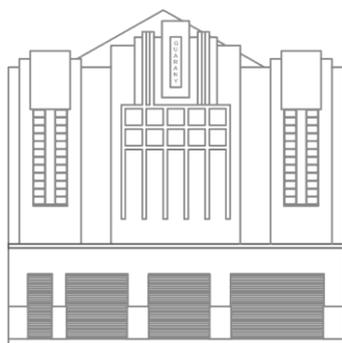
Fonte: Do autor, 2019.

Figura 71 – Corte esquemático



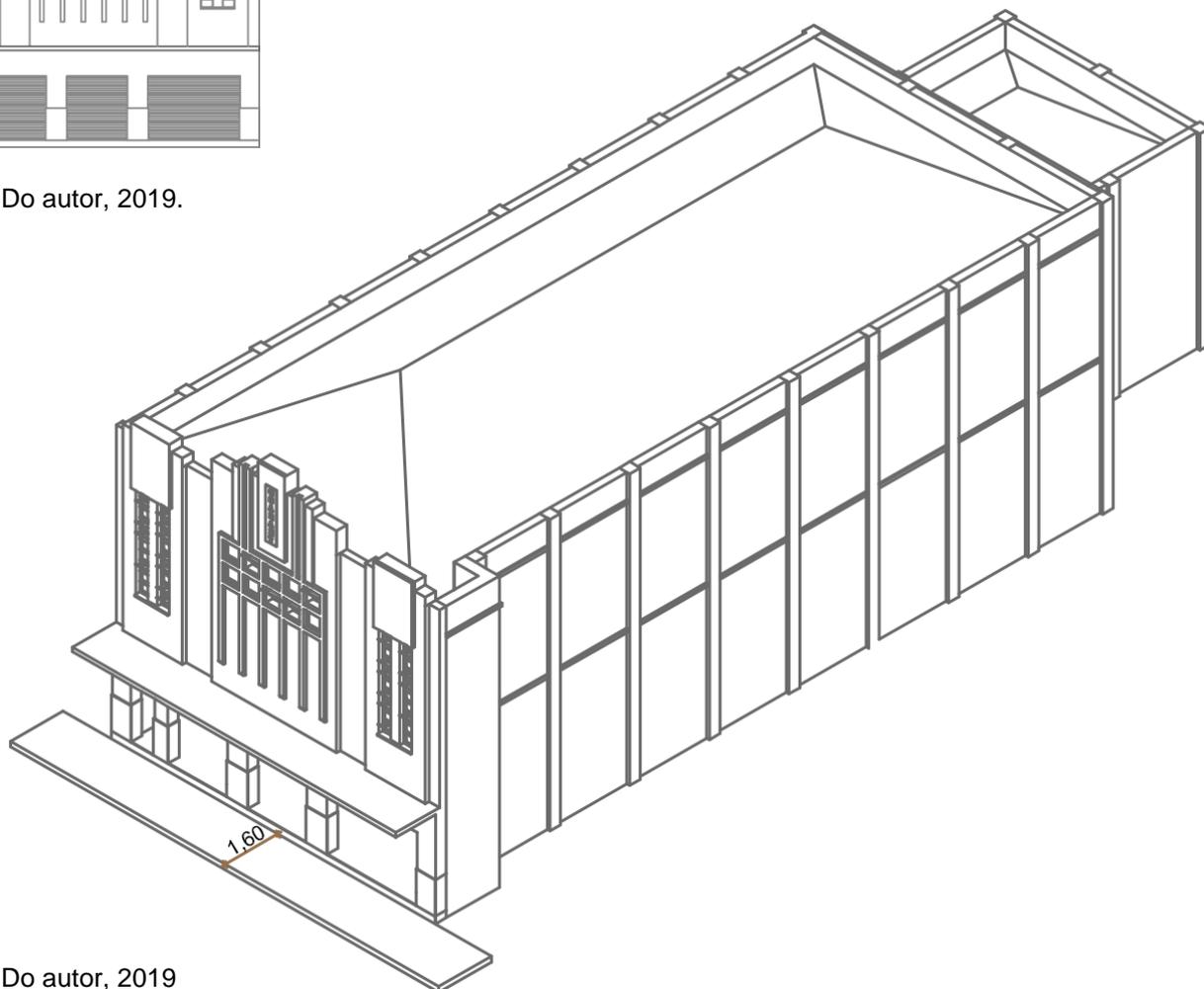
Fonte: Do autor, 2019.

Figura 72 – Fachada principal



Fonte: Do autor, 2019.

Figura 73 – Perspectiva



Fonte: Do autor, 2019

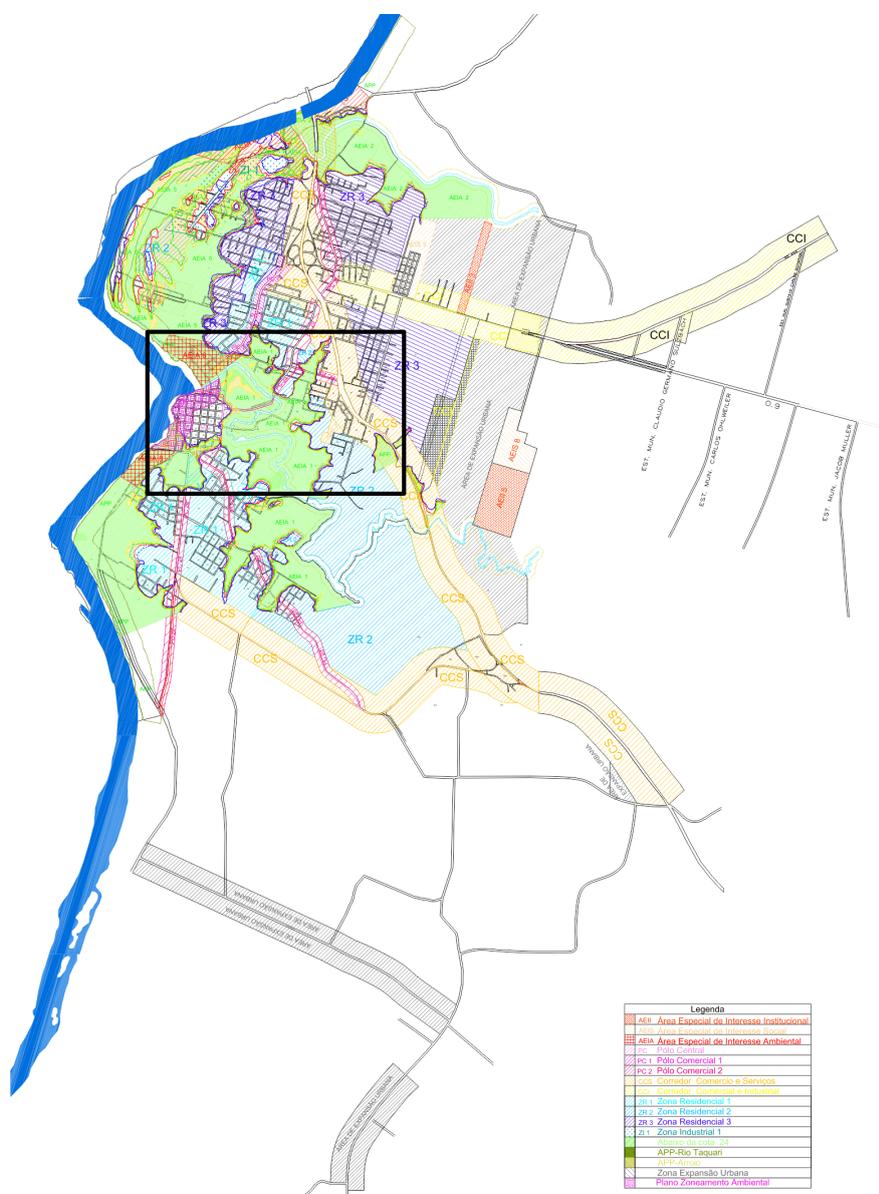
4.1.2. Condicionantes legais do terreno

Esta etapa do trabalho apresenta os condicionantes legais da área de intervenção do projeto, guiados pelo Plano Diretor Municipal datado do ano de 2006.

O Plano aborda diretrizes a serem seguidas para que o projeto proposto esteja de acordo com as características designadas para cada área da cidade.

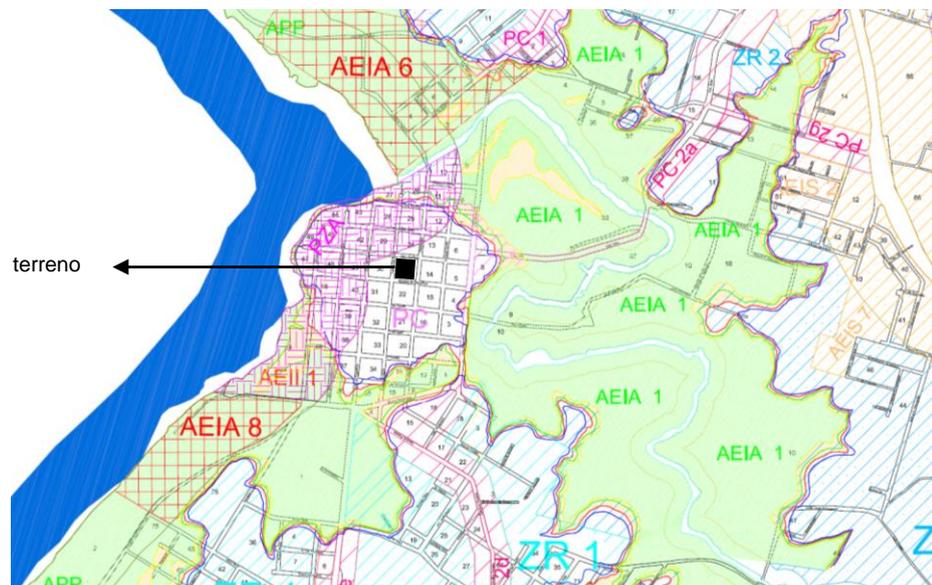
Na figura abaixo pode-se observar que a área de intervenção escolhida para o projeto se encontra no zoneamento PC do mapa municipal.

Figura 74 – Macrozoneamento municipal



Fonte: Plano Diretor, macrozoneamento. (2006).

Figura 75 – Seção do mapa de Macrozoneamento municipal



Fonte: Plano Diretor, macrozoneamento. (2006).

Através das figuras 74 e 75 mostradas acima, pode-se observar que a área de intervenção escolhida para o projeto se encontra no zoneamento PC (polo central) do município.

Esse setor se caracteriza por ser de grande potencial e importância na cidade. As diretrizes que devem ser seguidas nesse setor estão na tabela a seguir:

Tabela 5 – Regime urbanístico

	REGIME URBANÍSTICO							ANEXO 5		
	MACROZONA OCUPAÇÃO PRIORITÁRIA							ZI 1	CCI	POLOS DOS DISTRITOS
	ZR 1	ZR 2	ZR 3	PC	PC 1	PC 2	CCS			
ALTURA MÁXIMA JUNTO À DIVISA	7,50m	9,00m	9,00m	12,00m	12,00m	12,00m			9,00m	
RECUOS						4,00m(3)	4,00m(6)	4,00m(6)	4,00m(6)	
PRENTE JARDIM	4,00m	4,00m	4,00m		10,00m(2)	10,00m(2)	10,00m(2) (6)	10,00m (2) (6)	10,00m(2) (6)	
FRENTE VIÁRIO					12,00m	9,50m(7)	25,00m (11)	15,00(5)	15,00(5)	
FUNDOS	(1) 1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	
LATERAIS	(1) 1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	1/6 min3,00m	
TAXA DE OCUPAÇÃO (TO)	PERMISSÍVEL 70%	70%	70%	85% (92%(9)) 60%	80%	80% (50%(2))	70% (50%(2))	70% (50%(2))	70%	
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO(IA)	PERMISSÍVEL 2,2	2,2	2,2	6 2	6 (0,8 (2)) 1,2	6 (0,8 (2)) 1,2	3 1,5	3 1,5	2,2	

(1) RECUOS DESDE O FORRO DO PAVIMENTO BASE
(2) PARA ATIVIDADES INDUSTRIAIS, MACROZONA DE EXPANSÃO E ÁREA RURAL
(3) SOMENTE NAS VIAS SEM RECUO VIÁRIO
(4) (FAIXA DE DOMÍNIO DE 60,00m)RECUO DOS EIXOS PARA OS DOIS LADOS PARA A RS/453
(5) (FAIXA DE DOMÍNIO DE 30,00m)RECUO DOS EIXOS PARA OS DOIS LADOS PARA A RS/129
(6) RECUOS APÓS A FAIXA DE DOMÍNIO PARA A RS/453 E RS/129
(7) RECUO DOS EIXOS PARA OS DOIS LADOS PARA A RUA CEL MÜSSNICH, JOÃO LINO BRAUN,CEL BRITO,FREDERICO A. SULZBACH, ALFRESO MATHIAS ARENHART E GERALDO PEREIRA
(8) RECUO DOS EIXOS PARA OS DOIS LADOS PARA A RUA CEL BRITO,JULIO DE CASTILHOS E AV. DOS ESTADOS E BRUNO SCHWERTNER
(9) PARA LOTES DE ESQUINA
(10) RECUOS APÓS A FAIXA DE DOMÍNIO PARA A BR 386
(11) (FAIXA DE DOMÍNIO DE 70,00m)RECUO DO EIXO DE 45,00m-LADO DIREITO SENTIDO LAJ-POA DA BR 386 E RECUO DO EIXO DE 25,00m-LADO ESQUERDO SENTIDO LAJ-POA DA BR 386
PERMISSÍVEL PARA ATIVIDADES PERMITIDAS POR EVU

Fonte: Plano Diretor, anexo 5. (2006).

4.2. Justificativa do terreno

A cidade de Estrela possui uma localização privilegiada concentrando um dos únicos entroncamentos rodo-hidro-ferroviários do estado, fazendo com que seja facilmente acessada pelos demais municípios vizinhos e região. Está inserida em um dos maiores polos econômicos do estado e figura entre as cidades mais ricas culturalmente do Rio grande do Sul, aspectos fundamentais para a proposta de recebimento de um projeto de tal tema como o proposto. A escolha do terreno se justifica pela existência da edificação histórica que é o centro da proposta. Os lotes que fazem divisa com a edificação histórica foram escolhidos para serem unificados e compor o projeto por terem um grande potencial e não estarem sendo bem aproveitados. A área de intervenção agrega uma edificação de valor histórico pro município e tem como delimitador na outra interface uma construção de mesma importância. A área central do município concentra dezenas de edificações com traços germânicos e históricos importantes, muitas delas desocupadas. A proposta de um núcleo cultural que abrace esse segmento vem muito a calhar.

A cidade de Estrela carece de espaços culturais que agreguem comércio e serviços, e essa área é providencial para esse gênero de ocupação.

A tipologia cultural, mais especificamente centros e ou núcleos culturais está ganhando força em diversas regiões do país, e no estado do Rio Grande do Sul não é diferente. O Vale do Taquari possui vários edifícios, obras e monumentos históricos mas no momento concentra seu foco cultural na cidade de Lajeado, no polo cultural da Univates. Polo esse que anualmente recebe diversos eventos culturais, apresentações artísticas e até mesmo shows nacionais. A área da cidade de Estrela escolhida para receber esse projeto tem todas as características relevantes para que o projeto se torne um marco na forma que os municípios veem sua história passada, preservem no presente e principalmente, como as exaltem para as gerações futuras. A proposta de um núcleo cultural no espaço já ocupado para esse fim tempos atrás não apenas resgata um sentimento de apelo emocional, mas intensifica a importância de tais atividades e a arquitetura em si nos dias de hoje, para que essa riqueza não se perca e nem caia em desuso.



REFERENCIAIS

5 REFERENCIAIS

As obras analisadas a seguir foram selecionadas como referência por apresentar características semelhantes às existentes na proposta do presente trabalho. Esta etapa pretende buscar exemplos de soluções adotadas em diferentes projetos, sejam eles referentes ao tema, programa de necessidades ou mesmo de arquitetura e seus módulos construtivos.

5.1. Do tema

• Cinemateca Capitólio Petrobrás

Porto Alegre / RS

Construção 1928 – Requalificação 2010

Arquitetos Marcelo Fernandez e Telmo Stensmann

Área total: 1.730,00m²

A Cinemateca Capitólio Petrobrás é um projeto idealizado para dar uso novamente ao prédio histórico que abrigava o Cine Capitólio, um marco da cidade de Porto Alegre. O Cine Capitólio abrigou uma sala de projeção para 1.295 pessoas e foi destaque no meio artístico até meados da década de 1960, quando a indústria do cinema de rua começou a apresentar sinais de declínio no país. Foi desativado em 1994, já com o prédio em situação de abandono, e assim permaneceu fechado até 2004, ano que iniciaram as reformas.

Figura 76 – Cine Capitólio, década de 1950.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 77 – Cine Capitólio, 2014.

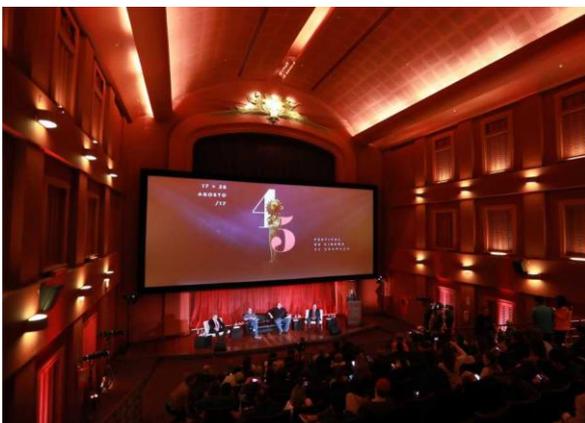


Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

O projeto consiste na requalificação do prédio, adequando ele a novos usos. Da configuração original permaneceu apenas a sala de cinema, agora para 170 espectadores. Surgiram também novos espaços, dentre eles sala para exposições, salas para pesquisa, cafeteria, lojas, biblioteca e salas multiuso.

O novo layout interno apresenta uma configuração flexível, podendo ser usado como sala de projeção com uma tela de dimensões padrão para cinemas comerciais e também como auditório, possuindo um palco de pequenas proporções mas com a infraestrutura necessária para apresentações artísticas, musicais e culturais em geral.

Figura 78 – Cine Capitólio, 2017.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 79 – Cine Capitólio, 2015.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 80 – Cine Capitólio, 2017.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 81 – Cine Capitólio, 2017.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 82 – Cine Capitólio, 2017.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 83 – Cine Capitólio, 2017.



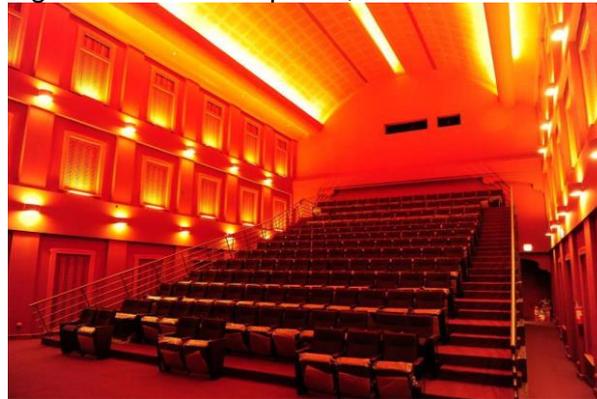
Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 84 – Cine Capitólio, 2017.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

Figura 85 – Cine Capitólio, 2017.



Fonte: www.cinemaemcena.cartacapital.com.br

O projeto de revitalização do cinema Capitólio possui características semelhantes ao proposto para o Cine Guarany de Estrela. Elas passam desde o resgate cultural de um momento histórico para a cidade até o fator comercial e de entretenimento do local, em que os cinemas de rua tinham grande prestígio perante a sociedade.

5.2. De arquitetura

• Cinema da Praça

Paraty / RJ

Construção 1894 – Requalificação 2018

Arquipélago Arquitetos

Área total: 475,00m²

O Cinema da Praça é a requalificação do antigo cinema da cidade de Paraty, litoral do estado do Rio de Janeiro. A edificação do final do século XIX originalmente era uma residência térrea, mas acabou sendo transformada em sobrado no ano de 1930 para abrigar o Cine São Jorge, que funcionou na cidade até 1973.

Figura 86 – Cinema desativado, 2009



Fonte: www.cinemadapraça.com.br

Figura 87 – Cinema da Praça, 2017



Fonte: www.cinemadapraça.com.br

O processo de restauro e requalificação do prédio teve seu lançamento em 2014 com o projeto e em 2016 com o início das obras, que perduraram por 2 anos, tendo sido entregue à cidade em julho de 2018.

O projeto previa reestabelecer o prédio como o cinema municipal, que ali foi estabelecido por 43 anos. Para isso foram necessárias diversas intervenções internas para que o ambiente se tornasse funcional e confortável para uma sala de cinema nos dias de hoje. Por se tratar de uma edificação antiga, foram previstos reforços estruturais nas paredes e uma releitura do telhado de madeira. Pilares e vigas metálicas passaram a fazer parte do conjunto do prédio, tornando sua estrutura mais rígida e segura.

Como pode-se observar nas figuras a seguir, o uso de estruturas metálicas foi de grande importância para a concepção do projeto conforme as necessidades. A criação de um mezanino para receber toda a infraestrutura do palco e tela de projeção, incluindo sistema de som e iluminação. Reforços laterais para receber painéis pré-moldados que sustentam o segundo pavimento no hall de entrada. Contraventamento metálico na estrutura do telhado.

Figura 88 – Em reforma, 2016.



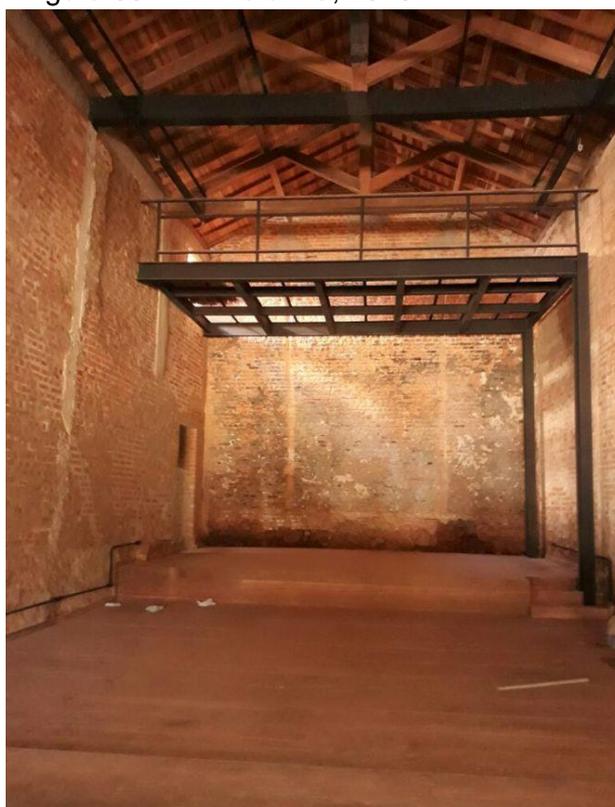
Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 90 – Inauguração, 2018.



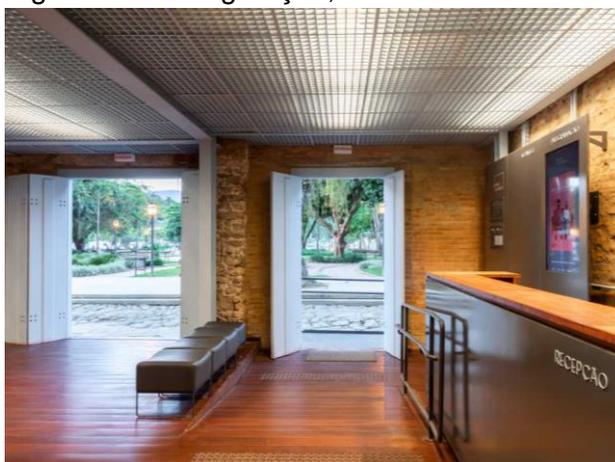
Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 89 – Em reforma, 2016.



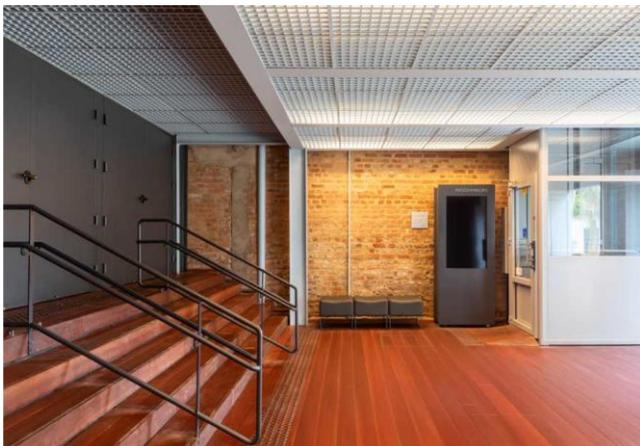
Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 91 – Inauguração, 2018.



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 92 – Foyer, 2018.



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 94 – Sala de projeção



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 93 – União do antigo com o novo



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Nota-se que a proposta de requalificação prezou pela mínima intervenção possível na edificação, mantendo ao máximo as características originais do prédio e com isso valorizando e protegendo o patrimônio histórico. Esse cuidado no tratamento do antigo com o novo é muito nítido em pequenos detalhes como por exemplo as instalações elétricas e hidráulicas que ficaram expostas e nas paredes internas, que tiveram apenas o reboco que estava bastante comprometido, retirado, mantendo assim as alvenarias no estado bruto de pedras e tijolos a vista. Já em relação ao pavimento superior, foi substituída a estrutura existente composta por vigamento e laje de concreto armado já bastante deteriorados por uma estrutura independente metálica, ligeiramente solta da alvenaria original.

Figura 95 – Planta baixa pavimento térreo.



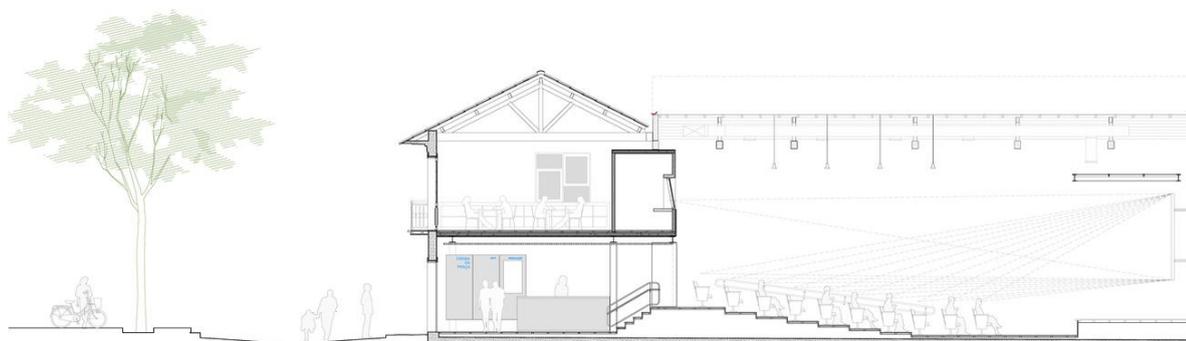
Fonte:www.cinemadapraça.com.br, adaptado pelo autor.

Figura 96 – Planta baixa pavimento superior.



Fonte:www.cinemadapraça.com.br, adaptado pelo autor.

Figura 97 – Corte



Fonte:www.cinemadapraça.com.br

Figura 98 – Sala de projeção



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 99 – Foyer



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

Figura 100 – Foyer



Fonte: www.cinemadapraca.com.br

O projeto consagra-se como um novo marco na história do município de Paraty, trazendo para dentro da nova concentração cultural toda uma gama de pessoas que até então não possuía uma interação maior com esses meios. O local é muito frequentado por alunos de escolas e utilizado para eventos do município como palestras e reuniões, além claro das sessões de cinema e do Festival de Cinema da cidade, agora resgatado.

- **Jedi's Burguer**

Restaurante temático, Star Wars

São Paulo / SP

Inauguração 2015

O restaurante e cafeteria localizado no centro da cidade de São Paulo foi totalmente idealizado seguindo uma temática de cinema, focada fundamentalmente na trilogia de Star Wars. O espaço possui painéis e ilustrações referentes ao tema.

Figura 101 – Salão principal



Fonte: <http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-113942/>

Figura 102 – Painéis temáticos



Fonte: <http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-113942/>



BIBLIOGRAFIA

6 BIBLIOGRAFIA

RAMOS, Fernão. **História do cinema brasileiro**. 1 ed. São Paulo: ART, 1978.

GONZAGA, Adhemar. **70 anos de cinema brasileiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura S.A., 1966.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. 2 ed. Campinas/SP: Papirus 2002.

HESSEL, Lothar. **O município de Estrela: História e crônica**. 1 ed. Porto Alegre: Da Universidade 1983.

BRAGA, Ataídes. **O fim das coisas**. 1 ed. Belo Horizonte: Algas Comunicação 2010.

ABNT. **NBR9050: Acessibilidade de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/cia/contents/manuel/abnt-nbr9050-edicao-2015.pdf>>. Acesso: 29 de março de 2019.

ESTRELA (município). **Código de Edificações: lei n.º 1.622, 1979**. Disponível em: <<https://estrela.atende.net/?pg=transparencia#!/grupo/8/item/2/tipo/1>>. Acesso: 5 de abril de 2019.

ESTRELA (município). **Plano Diretor: lei n.º 4.314, 2006**. Disponível em: <<https://estrela.atende.net/?pg=transparencia#!/grupo/8/item/2/tipo/1>>. Acesso: 5 de abril de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade de Estrela**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso: 28 de março de 2019.

CINEMA EM CENA. **Cinemateca Capitólio**: Requalificação de um ícone.

Disponível em: <<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/coluna/ler>>.

Acesso: 2 de abril de 2019.

ANCINE. **Cinemas em atividade no Brasil**. Disponível em:

<https://www.ancine.gov.br/pt-br/aceso-a-informacao/dados_abertos>.

Acesso: 2 de abril de 2019.

INFOPÉDIA. **Grécia antiga**. Disponível em:

<[https://www.infopedia.pt/\\$teatro-de-epidauro](https://www.infopedia.pt/$teatro-de-epidauro)>. Acesso: 2 de abril de 2019.

DIEMER, Merlin Janina. **Estudo tipológico**: teatro de proscênio e suas precedências. Lajeado, 2003. Monografia de especialização em arquitetura apresentada a Universidade do Vale do Taquari.

ARCHDAILY. **Cinema da praça**. Disponível em: <

<https://www.archdaily.com.br/br/914543/cinema-da-praca-arquipelago-arquitetos>>. Acesso: 10 de abril de 2019.

CINEMA DA PRAÇA. **Cinema de Paraty**. Disponível em:

<<https://cinemadapracaparaty.wordpress.com/>>.

Acesso: 11 de abril de 2019.